

3 – EXPOSIÇÃO DOS RESULTADOS

Os resultados serão, prioritariamente, apresentados sob forma de quadros e de gráficos. Com base nos dados que constarão desses quadros e gráficos, buscaremos organizá-los da seguinte forma:

1. comparação entre os dados de cada sujeito em suas duas diferentes gravações;
2. comparação entre os dados do desempenho dos dois sujeitos, juntos, em suas diferentes sessões de gravações.

Quanto à duração da atividade discursiva de cada sujeito, o tempo total de gravação analisado foi muito próximo, ou seja: 31'49 e 28'09 para o sujeito C; 29'45 e 31'44 para o sujeito J.

Para que fosse possível a comparação de dados absolutos (como o total de turnos discursivos, que não podem ser transformados em valores percentuais), optou-se por analisar a primeira gravação do sujeito C até o tempo de 31 minutos e 49 segundos, momento no qual o sujeito encerra um tópico discursivo.

Já no caso do sujeito J, a primeira gravação foi realizada durante uma sessão terapêutica na *ex-Clínica de Fonoaudiologia* da Unesp/Marília, com duração total da atividade discursiva de 38'20. Também optamos por descartar os momentos em que o sujeito realizou exercícios vocais solicitados por sua terapeuta; dessa forma, o tempo analisado de atividade discursiva foi de 29'45.

O Quadro 01 sintetiza essas informações:

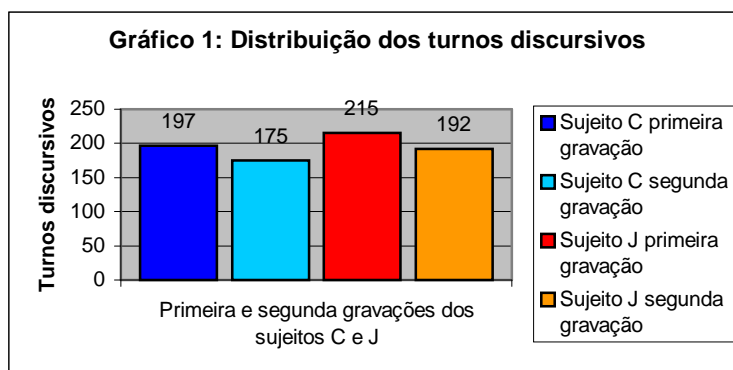
Quadro 01 – Duração da atividade discursiva e total de turnos discursivos.

Duração da atividade	C		J	
	1ª gravação	2ª gravação	1ª gravação	2ª gravação
Total	36'48	28'09	38'20	31'44
Total analisado	31'49	28'09	29'45	31'44
Total de turnos	196	175	215	192

3.1 Relações entre turnos discursivos e pausas iniciais

Quanto ao total de turnos discursivos analisados, observamos que tanto o sujeito C quanto o sujeito J apresentaram uma diminuição na quantidade de turnos discursivos da

primeira para a segunda gravação. Com efeito, C e J tiveram, respectivamente, 21 e 23 turnos a menos na sua segunda gravação, como se pode observar no Gráfico 01:



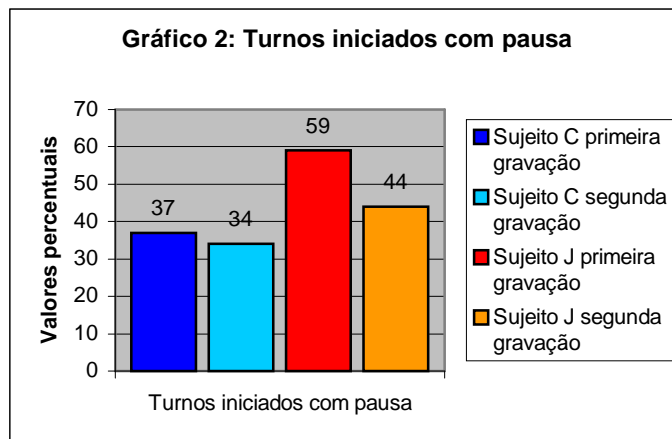
Houve, no entanto, uma variação intersujeitos: em ambas as sessões, no total de tempo analisado, o sujeito J desenvolveu sua atividade conversacional com um número maior de turnos do que o sujeito C, a saber: 19 na primeira sessão e 17 na segunda.

Quanto à presença ou não de pausas no início de turnos discursivos, podemos observar, no Quadro 02, a distribuição ou não dessa presença em valores absolutos e percentuais nos turnos dos sujeitos C e J:

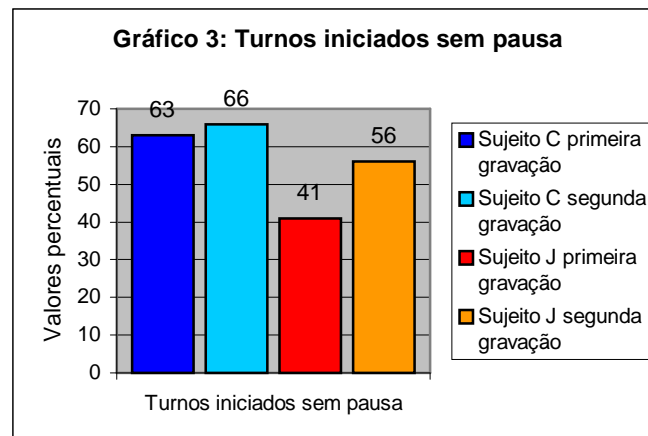
Quadro 02 – Distribuição dos turnos discursivos iniciados com e sem pausa.

Turnos	C				J			
	1ª gravação		2ª gravação		1ª gravação		2ª gravação	
	n	%	n	%	n	%	N	%
C/ pausa	72	37	60	34	126	59	84	44
S/ pausa	124	63	115	66	89	41	108	56
Total de turnos	196	100	175	100	215	100	192	100

Como se pode observar, tanto C quanto J apresentaram uma diminuição dos turnos iniciados com pausa em sua segunda gravação. Essa diminuição foi da ordem de 3% em C e, de modo mais significativo, de 15% em J, como ilustra o Gráfico 02:



Isso significa que os valores percentuais para os turnos iniciados sem pausa foram inversamente proporcionais ao de turnos iniciados com pausa tanto para o sujeito C quanto para o sujeito J, ou seja, observamos um aumento dos turnos iniciados sem pausa na segunda gravação da ordem de 3% para o sujeito C e de 15% para o sujeito J, como se pode ver no Gráfico 03:



Além desses fatos, comparando-se as duas sessões de gravação dos dois sujeitos, o Gráfico 02 possibilita verificar que C apresenta, na primeira sessão, 22% a menos de turnos discursivos iniciados com pausa em relação a J; já na segunda gravação, essa diferença diminui de modo mais significativo, uma vez que C passa a apresentar 10% a menos de turnos discursivos iniciados com pausa em relação a J – fato que aproxima um pouco mais o

desempenho verbal de ambos os sujeitos no que se refere à presença de pausa no início de seus turnos discursivos.

Em contrapartida, o Gráfico 03 possibilita verificar que esses valores são inversamente proporcionais em relação aos turnos iniciados com pausa.

3.2 Turnos desenvolvidos e turnos não desenvolvidos

O Quadro 03, abaixo, mostra dados relativos ao desenvolvimento ou não dos turnos discursivos¹⁹ de nossos dois sujeitos, expressos em valores absolutos e percentuais. No entanto, é importante observar que, na primeira gravação, seis dos turnos do sujeito C e dois do sujeito J não foram computados pois, não foi possível verificar seu desenvolvimento ou não, já que parte desses ou o seu todo foram incompreensíveis:

Quadro 03 – Turnos discursivos desenvolvidos e não desenvolvidos.

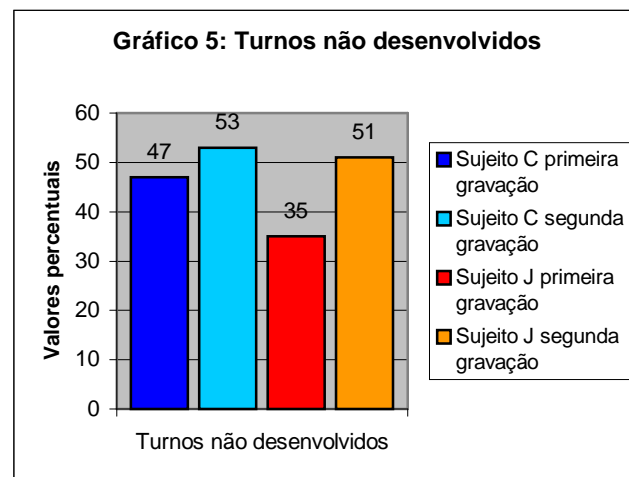
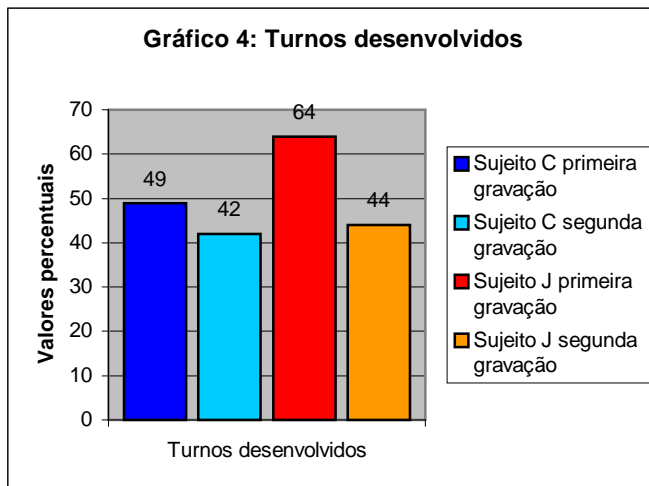
Turnos	C				J			
	1ª gravação		2ª gravação		1ª gravação		2ª gravação	
	n	%	n	%	n	%	n	%
Desenvolvidos	97	49	75	42	138	64	84	44
Não desenvolvidos	93	47	92	53	75	35	98	51
Não computados	06	03	08	05	02	01	10	05
Total	196	100	175	100	215	100	192	100

Observamos no quadro 03 que, na primeira sessão de gravação, do total de 196 (100%) turnos de C, 49% correspondem a turnos desenvolvidos e 47% a turnos não desenvolvidos. Os 4% restantes dizem respeito a turnos não computados. Em relação a J, de seu total de 215 (100%) turnos, 64% correspondem a turnos desenvolvidos, 35% a turnos não desenvolvidos e 1% a turnos não computados.

¹⁹ Na medida em que se pode ver nos turnos mais de um enunciado (no sentido bakhtiniano desse termo) e na medida em que os turnos se organizam alternadamente entre os sujeitos falantes de modo a possibilitar a cada sujeito uma atitude responsiva em relação ao turno de seu interlocutor, entenderemos como **turno desenvolvido** aquele que, além de o falante (co)responder às solicitações enunciadas pelo interlocutor, ele – o falante – se estende no seu dizer, progredindo sua fala de modo a acrescentar e enriquecer a informação a ele solicitada.

Já na segunda sessão de gravação, do total de 175 (100%) turnos de C, 42% correspondem a turnos desenvolvidos, 53% a turnos não desenvolvidos e 5% a turnos não computados. Em relação a J, de seu total de 192 (100%) turnos, 44% correspondem a turnos desenvolvidos e 51% a turnos não desenvolvidos e 5% a turnos não computados.

Esse conjunto de dados percentuais pode ser mais bem visualizado nos Gráficos 04 e 05 abaixo:



Ainda com respeito a esses valores percentuais, ao se comparar a primeira com a segunda gravação do sujeito C, nota-se que este sujeito apresentou uma diminuição, na segunda gravação, da ordem de 07% de seus turnos desenvolvidos, ao passo que o sujeito J apresentou uma diminuição de 20% desse mesmo tipo de turno. Isso equivale a dizer que, da

primeira para a segunda gravação, C e J tiveram, respectivamente um aumento de 06% e de 16% de turnos não desenvolvidos.

Finalmente, quando comparamos os sujeitos C e J em suas primeiras e segundas gravações, observamos também uma diferença intersujeitos. Na primeira gravação, o sujeito C apresenta 15 % a menos de turnos desenvolvidos em relação ao sujeito J e, na segunda gravação, apesar de permanecer a diferença entre os sujeitos, esta cai para apenas 2%.

Feita essa exposição dos dados relativos ao desenvolvimento ou não dos turnos discursivos dos sujeitos, passaremos à exposição da correspondência entre esses tipos de turnos e a presença ou não de pausa em seu início.

3.2.1 Turnos desenvolvidos com e sem pausa inicial

O Quadro 04 apresenta a distribuição, em valores absolutos e percentuais, dos turnos dos sujeitos C e J que foram desenvolvidos com e sem pausa inicial na primeira e segunda gravação:

Quadro 04 – Distribuição dos turnos desenvolvidos com e sem pausa.

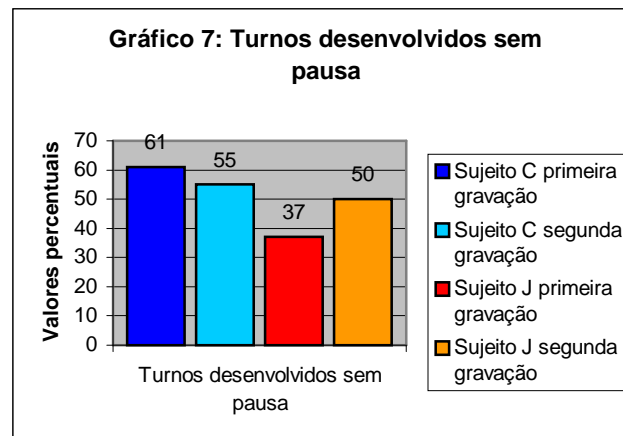
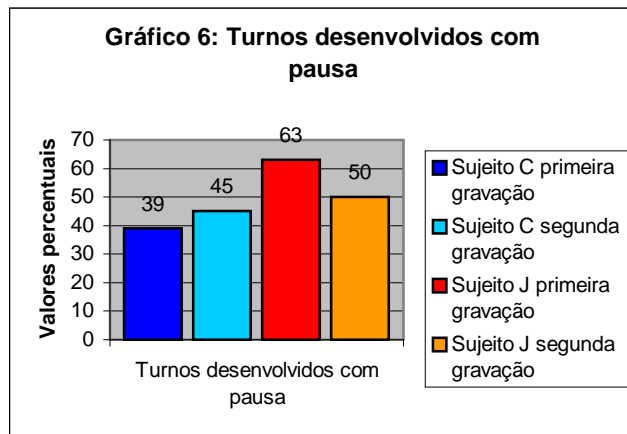
Turnos	C				J			
	<i>1ª gravação</i>		<i>2ª gravação</i>		<i>1ª gravação</i>		<i>2ª gravação</i>	
	n	%	N	%	n	%	n	%
Desenvolvidos c/ pausa	38	39	34	45	87	63	42	50
Desenvolvidos s/ pausa	59	61	41	55	51	37	42	50
Total	97	100	75	100	138	100	84	100

De acordo com o Quadro 04, observamos que, na primeira sessão de gravação de cada sujeito, do total de 97 (100%) turnos de C, 39% correspondem a turnos desenvolvidos iniciados com pausa e 61% a turnos desenvolvidos iniciados sem pausa. Em relação a J, de seu total de 138 (100%) turnos, 63% correspondem a turnos desenvolvidos iniciados com pausa e 37% a turnos desenvolvidos iniciados sem pausa.

Já na segunda sessão de gravação, do total de 75 (100%) turnos de C, 45% correspondem a turnos desenvolvidos iniciados com pausa e 55% a turnos desenvolvidos

iniciados sem pausa. Em relação a J, de seu total de 84 (100%) turnos, 50% correspondem a turnos desenvolvidos iniciados com pausa e 50% a turnos desenvolvidos iniciados sem pausa.

Esse conjunto de dados percentuais pode ser bem visualizado nos Gráficos 06 e 07 abaixo:



Ainda com respeito aos valores percentuais, observa-se que, no que se refere aos turnos desenvolvidos iniciados com pausa, da primeira para a segunda sessão de registro, o sujeito C apresentou um aumento de 06% desse tipo de turno. Inversamente, quanto a esse mesmo aspecto, o sujeito J apresentou um diminuição de 13%. Já no que se refere aos turnos desenvolvidos iniciados sem pausa, da primeira para a segunda gravação, C apresentou uma diminuição de 06% nesse tipo de turno. Também inversamente, J apresentou um aumento de 13%.

Finalmente, quando comparamos os valores intersujeitos em suas primeira e segunda gravações, observamos que, na primeira sessão, C teve 24% a menos de turnos desenvolvidos

iniciados com pausa e 24% a mais de turnos desenvolvidos iniciados sem pausa do que J. No entanto, na segunda sessão, os valores para ambos os sujeitos assemelham-se, já que C apresenta 45% de seus turnos desenvolvidos iniciados com pausa e J apresenta 50% de seus turnos desenvolvidos iniciados por pausa. Quanto aos turnos desenvolvidos iniciados sem pausa, C apresenta 55% desse tipo de turno e J 50%.

3.2.2 Turnos não desenvolvidos com e sem pausa inicial

No Quadro 05, observamos a distribuição, em valores absolutos e percentuais, dos turnos discursivos não desenvolvidos dos sujeitos C e J que foram iniciados com ou sem pausa, na primeira e na segunda gravação de ambos os sujeitos:

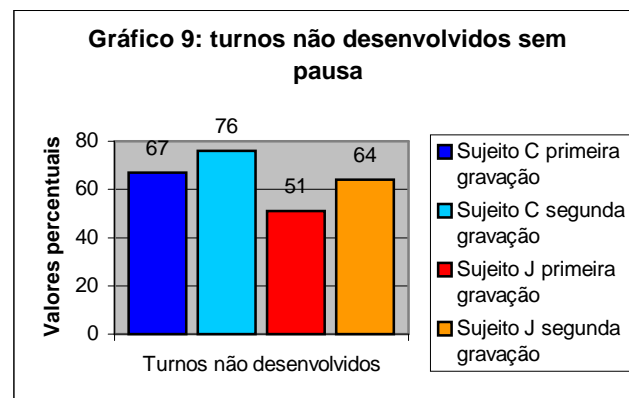
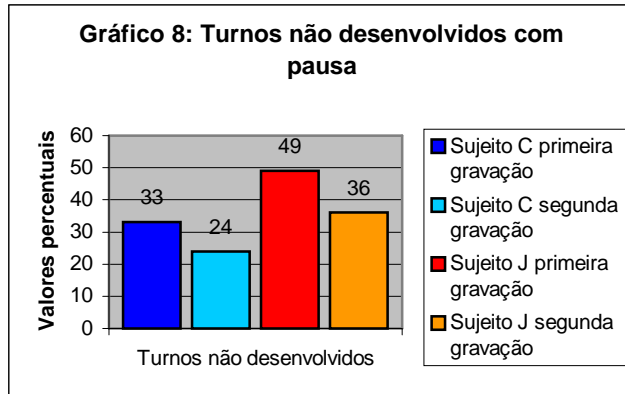
Quadro 05 – Distribuição dos turnos não desenvolvidos com e sem pausa.

Turnos	C				J			
	1ª gravação		2ª gravação		1ª gravação		2ª gravação	
	n	%	n	%	n	%	n	%
Não desenvolvidos c/ pausa	31	33	22	24	37	49	35	36
Não desenvolvidos s/ pausa	62	67	70	76	38	51	63	64
Total	93	100	92	100	75	100	98	100

Notamos, no quadro 05, que, na primeira sessão de gravação de cada sujeito, do total de 93 (100%) turnos de C, 33% correspondem a turnos não desenvolvidos iniciados com pausa e 67% a turnos não desenvolvidos iniciados sem pausa. Em relação a J, de seu total de 75 (100%) turnos, 49% correspondem a turnos não desenvolvidos iniciados com pausa e 51% a turnos não desenvolvidos iniciados sem pausa.

Já na segunda sessão de gravação, do total de 92 (100%) turnos de C, 24% correspondem a turnos não desenvolvidos iniciados com pausa e 76% a turnos não desenvolvidos iniciados sem pausa. Em relação a J, de seu total de 98 (100%) turnos, 36% correspondem a turnos não desenvolvidos iniciados com pausa e 64% a turnos não desenvolvidos iniciados sem pausa.

Esse conjunto de dados percentuais pode ser mais bem visualizado nos Gráficos 08 e 09 abaixo:



Ainda com respeito aos valores percentuais, observa-se que, no que se refere aos turnos não desenvolvidos iniciados com pausa, da primeira para a segunda sessão de registro, o sujeito C apresentou uma diminuição de 9% desse tipo de turno. Mantendo a mesma tendência, o sujeito J apresentou um diminuição de 13%. Já no que se refere aos turnos não desenvolvidos iniciados sem pausa, da primeira para a segunda gravação, C apresentou um aumento de 9% nesse tipo de turno. Mantendo essa mesma tendência, J apresentou um aumento de 13%.

Finalmente, quando comparamos os valores intersujeitos em suas primeira e segunda gravações, observamos que, na primeira sessão, C teve 17% a menos de turnos não desenvolvidos iniciados com pausa e 17% a mais de turnos não desenvolvidos iniciados sem pausa do que J. Na segunda sessão, C apresenta 12% a menos de turnos não desenvolvidos iniciados com pausa e 12% a mais daqueles não desenvolvidos sem pausa do que J.

É importante notar que, da primeira para a segunda gravação, a diferença de turnos não desenvolvidos com e sem pausa entre os sujeitos C e J apresenta uma diminuição de 5%. Embora ainda exista uma certa diferença entre os sujeitos, observa-se que há uma aproximação na condição de seus desempenhos lingüísticos, no que se refere ao aspecto do qual vimos tratando neste estudo. Essa aproximação se mostra ainda maior quando relembremos resultados anteriormente apresentados. Com efeito, nos turnos desenvolvidos com e sem pausa, como vimos pouco acima, não encontramos diferença, na segunda gravação, entre os sujeitos C e J. Como se vê, no que se refere a presença ou não de pausa inicial em turnos desenvolvidos ou não, ocorre uma tendência de aproximação entre os sujeitos quando se passa da primeira para a segunda sessão de registros de sua atividade conversacional.

3.3 Relações entre desenvolvimento de turnos e duração das pausas iniciais

Para o desenvolvimento desta parte de nosso estudo destacaremos, inicialmente, a distribuição que fizemos da duração das pausas em faixas de valores para, a seguir, correlacionarmos essa distribuição com o desenvolvimento ou não dos turnos discursivos.

3.3.1 Dados relativos à duração das pausas

O Quadro 06 mostra a distribuição das pausas em categorias como breves, médias e longas em valores absolutos e percentuais encontrados na primeira e segunda gravação dos sujeitos C e J:

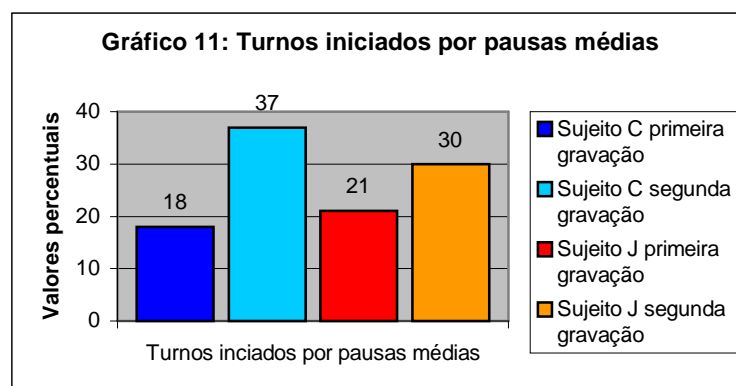
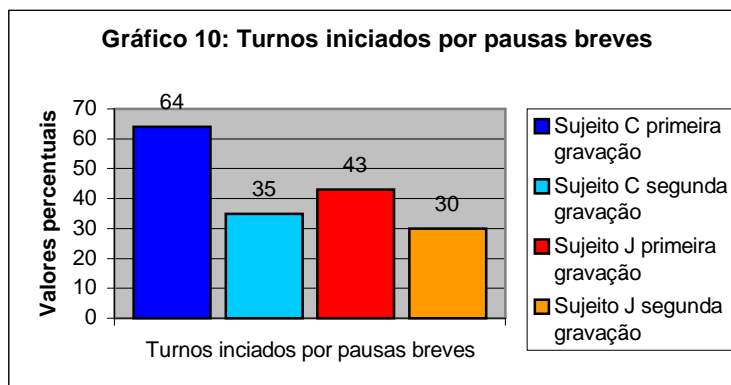
Quadro 06 – Distribuição das pausa por faixa de duração.

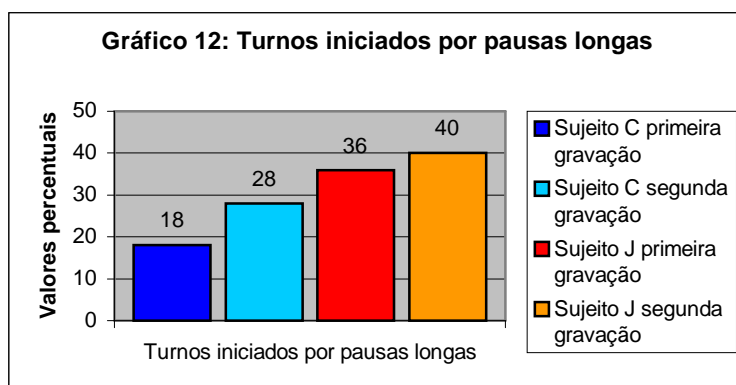
Pausas	C				J			
	<i>1ª gravação</i>		<i>2ª gravação</i>		<i>1ª gravação</i>		<i>2ª gravação</i>	
	n	%	n	%	n	%	n	%
Breves	46	64	21	35	54	43	25	30
Médias	13	18	22	37	26	21	25	30
Longas	13	18	17	28	46	36	34	40
Total	72	100	60	100	126	100	84	100

Como podemos observar no Quadro 06, na primeira sessão de gravação de cada sujeito, do total de 72 (100%) pausas de C, 64% correspondem a pausas **breves**, 18% a pausas **médias** e, mais uma vez, 18% a pausas **longas**. Em relação a J, de seu total de 126 (100%) pausas, 43% correspondem a pausas **breves**, 21% a pausas **médias** e 36% a pausas **longas**.

Já na segunda sessão de gravação de cada sujeito, do total de 70 (100%) pausas de C, 35% correspondem a pausas **breves**, 37% a pausas **médias** e 28% a pausas **longas**. Em relação a J, de seu total de 84 (100%) pausas, 30% correspondem a pausas **breves**, 30% a pausas **médias** e 40% a pausas **longas**.

Esse conjunto de dados percentuais pode ser mais bem visualizado nos Gráficos 10 (que se centra na comparação entre os sujeitos em relação a suas pausas breves), 11 (em relação a suas pausas médias) e 12 (em relação a suas pausas longas):





O Gráfico 10 nos permite visualizar, em valores percentuais, as pausas **breves** de início de turno dos sujeitos C e J. Podemos observar que, em relação à primeira gravação, a ocorrência de pausas breves na segunda gravação apresentou uma diminuição da ordem de 29% para C, tendência que também se manifestou em J, já que este sujeito apresentou uma diminuição de 13%.

No que se refere à comparação intersujeitos desse mesmo aspecto das pausas em cada um de seus dois diferentes registros, na primeira gravação, a diferença entre C e J foi de 21% a mais para C; já na segunda gravação, a diferença foi de apenas 5% para C, fato que torna próximos os seus desempenhos verbais quanto a esse aspecto conversacional.

Por sua vez, o Gráfico 11 permite visualizar, em valores percentuais, as pausas **médias** de início de turno dos sujeitos C e J. Podemos observar que, inversamente ao que ocorreu nas pausas breves, em relação à primeira gravação, a ocorrência de pausas médias na segunda gravação apresentou um aumento da ordem de 19% para C, tendência que também se manifestou em J, já que este sujeito apresentou um aumento de 9%.

No que se refere à comparação intersujeitos desse mesmo aspecto das pausas em cada um de seus dois diferentes registros, na primeira gravação, a diferença entre C e J foi de 3% a mais para J; já na segunda gravação, a diferença foi de 7% a mais para C.

Finalmente, o Gráfico 12 permite visualizar, em valores percentuais, as pausas **longas** de início de turno dos sujeitos C e J. Podemos observar que, mantendo a tendência verificada nas pausas médias, em relação à primeira gravação, a ocorrência de pausas longas na segunda gravação apresentou um aumento da ordem de 10% para C, tendência que também se manifestou em J, já que este sujeito apresentou um aumento de 12%.

No que se refere à comparação intersujeitos desse mesmo aspecto das pausas em cada um de seus dois diferentes registros, na primeira gravação, a diferença entre C e J foi de 18%

a mais para J; na segunda gravação, mantendo essa tendência, a diferença foi de 12% a mais para J.

Desse modo, é possível verificar que, em ambos os sujeitos, houve uma diminuição percentual de pausas **breves** e um aumento de pausas **médias e longas**.

3.3.2 Correlações entre turnos desenvolvidos e duração das pausas iniciais

O Quadro 07 mostra a distribuição da duração das pausas em relação aos turnos desenvolvidos, em valores absolutos e percentuais encontrados na primeira e na segunda gravação dos sujeitos C e J:

Quadro 07 – Distribuição das pausas em relação aos turnos desenvolvidos.

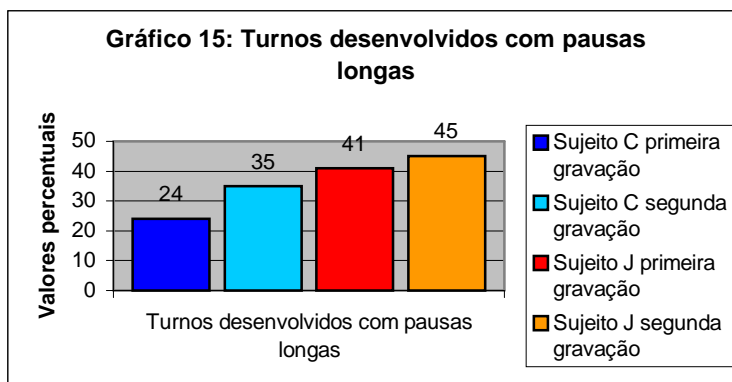
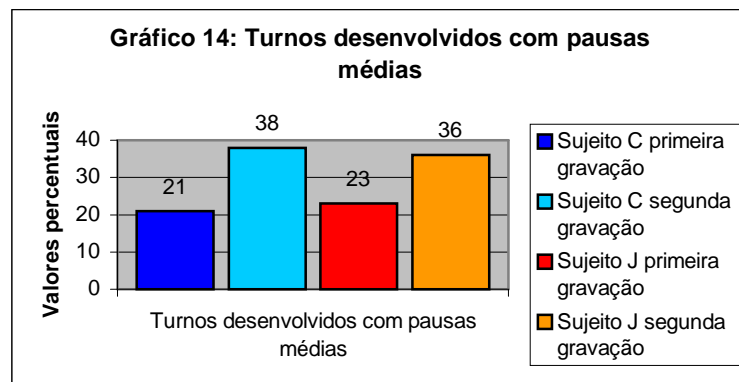
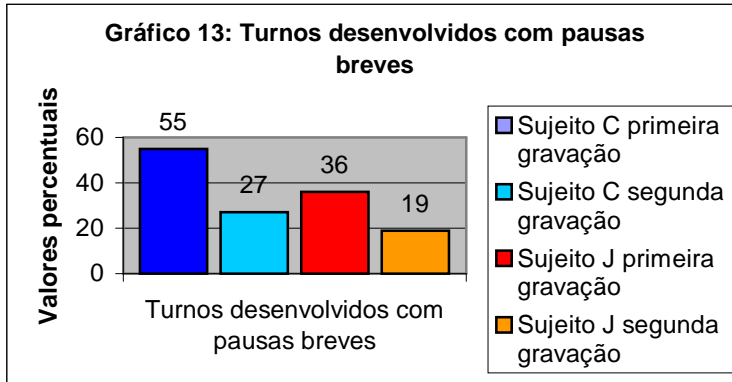
Turnos desenvolvidos com pausas	C				J			
	1ª gravação		2ª gravação		1ª gravação		2ª gravação	
	n	%	n	%	N	%	n	%
Breves	21	55	09	27	31	36	08	19
Médias	08	21	13	38	20	23	15	36
Longas	09	24	12	35	36	41	19	45
Total	38	100	34	100	87	100	42	100

É possível observar no Quadro 07, que, na primeira sessão de gravação de cada sujeito, do total de 38 (100%) pausas em início de turnos desenvolvidos de C, 55% correspondem a pausas **breves**, 21% a pausas **médias** e, 24% a pausas **longas**. Em relação a J, de seu total de 87 (100%) pausas em início de turnos desenvolvidos, 36% correspondem a pausas **breves**, 23% a pausas **médias** e 41% a pausas **longas**.

Já na segunda sessão de gravação de cada sujeito, do total de 34 (100%) pausas em início de turnos desenvolvidos de C, 27% correspondem a pausas **breves**, 38% a pausas **médias** e 35% a pausas **longas**. Em relação a J, de seu total de 42 (100%) pausas em início de turnos desenvolvidos, 19% correspondem a pausas **breves**, 36% a pausas **médias** e 45% a pausas **longas**.

Esse conjunto de dados percentuais pode ser mais bem visualizado nos Gráficos 13 (que se centra na comparação entre os sujeitos em relação a seus turnos desenvolvidos

iniciados por pausas breves), 14 (em relação a seus turnos desenvolvidos iniciados por pausas médias) e 15 (em relação a seus turnos desenvolvidos iniciados por pausas longas):



O Gráfico 13 nos permite visualizar, em valores percentuais, as pausas **breves** de início de turnos desenvolvidos dos sujeitos C e J. Podemos observar que, em relação à

primeira gravação, a ocorrência de pausas breves em início de turnos desenvolvidos na segunda gravação apresentou uma diminuição da ordem de 28% para C, tendência que também se manifestou em J, já que este sujeito apresentou uma diminuição de 17%.

No que se refere à comparação intersujeitos desse mesmo aspecto das pausas em cada um de seus dois diferentes registros, na primeira gravação, a diferença entre C e J foi de 19% a mais para C; já na segunda gravação, a diferença foi de apenas 8% para C, fato que torna próximos os seus desempenhos verbais quanto a esse aspecto conversacional.

Por sua vez, o Gráfico 14 permite visualizar, em valores percentuais, as pausas **médias** de início de turnos desenvolvidos dos sujeitos C e J. Podemos observar que, inversamente ao que ocorreu nas pausas breves, em relação à primeira gravação, a ocorrência de pausas médias na segunda gravação apresentou um aumento da ordem de 17% para C, tendência que também se manifestou em J, já que este sujeito apresentou um aumento de 13%.

No que se refere à comparação intersujeitos desse mesmo aspecto das pausas em início de turnos desenvolvidos em cada um de seus dois diferentes registros, na primeira gravação, a diferença entre C e J foi de 3% a mais para J; já na segunda gravação, a diferença foi de 2% a mais para C.

Finalmente, o Gráfico 15 permite visualizar, em valores percentuais, as pausas **longas** de início de turnos desenvolvidos dos sujeitos C e J. Podemos observar que, mantendo a tendência verificada nas pausas médias, em relação à primeira gravação, a ocorrência de pausas longas na segunda gravação apresentou um aumento da ordem de 11% para C, tendência que também se manifestou em J, já que este sujeito apresentou um aumento de 4%.

No que se refere à comparação intersujeitos desse mesmo aspecto das pausas em início de turnos desenvolvidos em cada um de seus dois diferentes registros, na primeira gravação, a diferença entre C e J foi de 17% a mais para J; na segunda gravação, mantendo essa tendência, a diferença foi de 10% a mais para J.

Desse modo, é possível verificar que, em ambos os sujeitos, houve uma diminuição percentual em suas pausas **breves** em início de turnos desenvolvidos e um aumento em suas pausas **médias e longas** em início de turnos desenvolvidos.

3.3.3 Correlações entre turnos não desenvolvidos e duração das pausas iniciais

O Quadro 08 mostra a distribuição da duração das pausas em relação aos turnos não desenvolvidos, em valores absolutos e percentuais encontrados na primeira e segunda gravação dos sujeitos C e J:

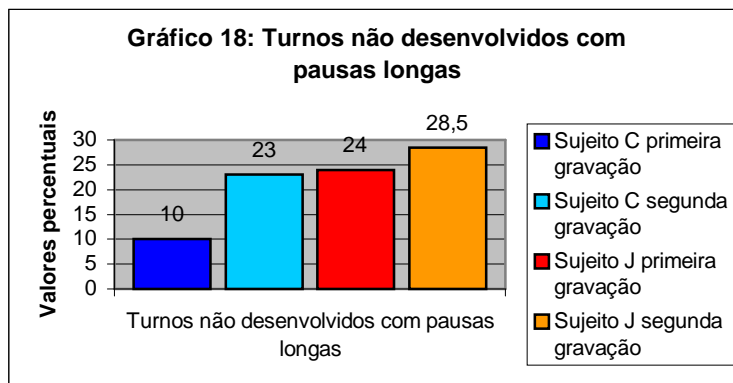
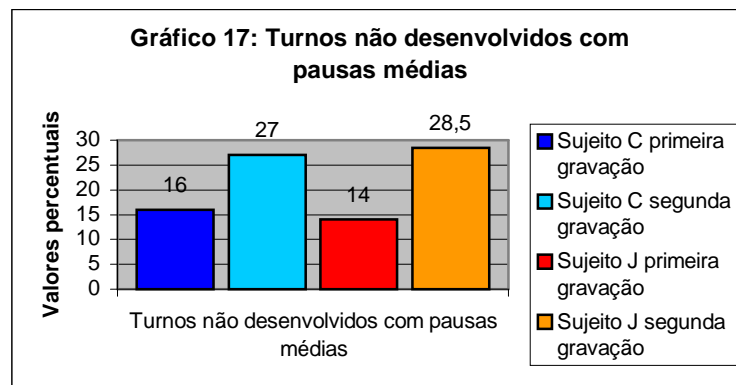
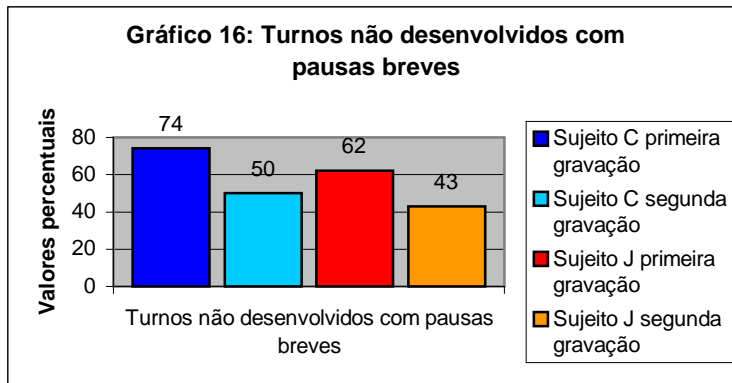
Quadro 08 – Distribuição das pausa em relação aos turnos não desenvolvidos.

Turnos não desenvolvidos com pausa	C				J			
	1ª gravação		2ª gravação		1ª gravação		2ª gravação	
	n	%	n	%	n	%	n	%
Breves	23	74	11	50	23	62	15	43
Médias	05	16	06	27	05	14	10	28,5
Longas	03	10	05	23	09	24	10	28,5
Total	31	100	22	100	37	100	35	100

Mais uma vez, é possível observar no Quadro 08 que, na primeira sessão de gravação de cada sujeito, do total de 31 (100%) pausas em início de turnos não desenvolvidos de C, 74% correspondem a pausas **breves**, 16% a pausas **médias** e, 10% a pausas **longas**. Em relação a J, de seu total de 37 (100%) pausas em início de turnos desenvolvidos, 62% correspondem a pausas **breves**, 14% a pausas **médias** e 24% a pausas **longas**.

Já na segunda sessão de gravação de cada sujeito, do total de 22 (100%) pausas em início de turnos desenvolvidos de C, 50% correspondem a pausas **breves**, 27% a pausas **médias** e 23% a pausas **longas**. Em relação a J, de seu total de 35 (100%) pausas em início de turnos desenvolvidos, 43% correspondem a pausas **breves**, 28.5% a pausas **médias** e 28.5% a pausas **longas**.

Esse conjunto de dados percentuais pode ser mais bem visualizado nos Gráficos 16 (que se centra na comparação entre os sujeitos em relação a seus turnos desenvolvidos iniciados por pausas breves), 17 (em relação a seus turnos desenvolvidos iniciados por pausas médias) e 18 (em relação a seus turnos desenvolvidos iniciados por pausas longas):



O Gráfico 16 nos permite visualizar, em valores percentuais, as pausas **breves** de início de turnos não desenvolvidos dos sujeitos C e J. Podemos observar que, em relação à primeira gravação, a ocorrência de pausas breves em início de turnos não desenvolvidos na

segunda gravação apresentou uma diminuição da ordem de 24% para C, tendência que também se manifestou em J, já que este sujeito apresentou uma diminuição de 19%.

No que se refere à comparação intersujeitos desse mesmo aspecto das pausas em cada um de seus dois diferentes registros, na primeira gravação, a diferença entre C e J foi de 12% a mais para C; já na segunda gravação, a diferença foi de apenas 7% para C, fato que torna próximos os seus desempenhos verbais quanto a esse aspecto conversacional.

Por sua vez, o Gráfico 17 permite visualizar, em valores percentuais, as pausas **médias** de início de turnos não desenvolvidos dos sujeitos C e J. Podemos observar que, inversamente ao que ocorreu nas pausas breves, em relação à primeira gravação, a ocorrência de pausas médias na segunda gravação apresentou um aumento da ordem de 11% para C, tendência que também se manifestou em J, já que este sujeito apresentou um aumento de 14.5%.

No que se refere à comparação intersujeitos desse mesmo aspecto das pausas em início de turnos não desenvolvidos em cada um de seus dois diferentes registros, na primeira gravação, a diferença entre C e J foi de 2% a mais para C; já na segunda gravação, a diferença foi de 1.5% a mais para J.

Por fim, o Gráfico 18 permite visualizar, em valores percentuais, as pausas **longas** de início de turnos não desenvolvidos dos sujeitos C e J. Podemos observar que, mantendo a tendência verificada nas pausas médias, em relação à primeira gravação, a ocorrência de pausas longas na segunda gravação apresentou um aumento da ordem de 13% para C, tendência que também se manifestou em J, já que este sujeito apresentou um aumento de 4.5%.

No que se refere à comparação intersujeitos desse mesmo aspecto das pausas em início de turnos não desenvolvidos em cada um de seus dois diferentes registros, na primeira gravação, a diferença entre C e J foi de 14% a mais para J; na segunda gravação, mantendo essa tendência, a diferença foi de 5.5% a mais para J.

Desse modo, é possível verificar que, em ambos os sujeitos, houve uma diminuição percentual em suas pausas **breves** em início de turnos não desenvolvidos e um aumento em suas pausas **médias e longas** em início de turnos não desenvolvidos.

3.4 Relações entre desenvolvimento de turnos e preenchimento das pausas iniciais

Também nesta parte de nosso estudo, para o seu desenvolvimento, destacaremos, inicialmente, a distribuição que fizemos das pausas em tipo de preenchimento para, a seguir, correlacionarmos essa distribuição com o desenvolvimento ou não dos turnos discursivos.

3.4.1 Dados relativos ao preenchimento ou não das pausas.

Na descrição da metodologia de nosso trabalho, informamos que, além de sua duração, as pausas seriam vistas também em relação ao fato de apresentarem ou não algum tipo de preenchimento acústico. O Quadro 09 apresenta a distribuição das pausas (em valores absolutos e percentuais) de nossos dois sujeitos, em suas duas sessões de gravação, relativamente a este aspecto de suas pausas:

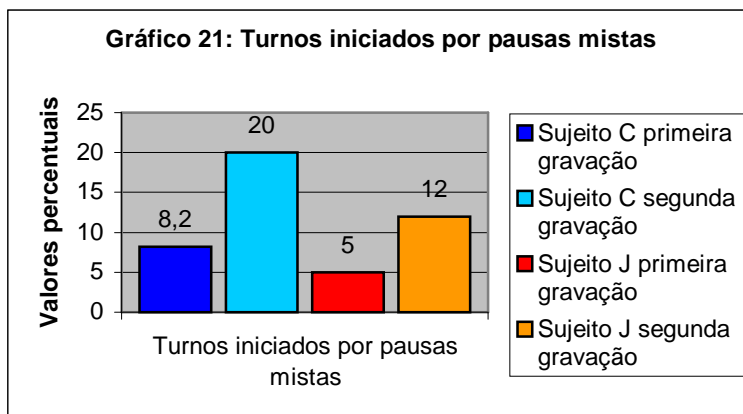
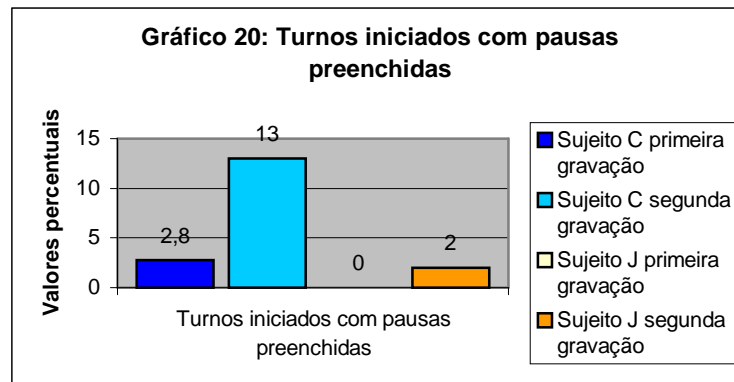
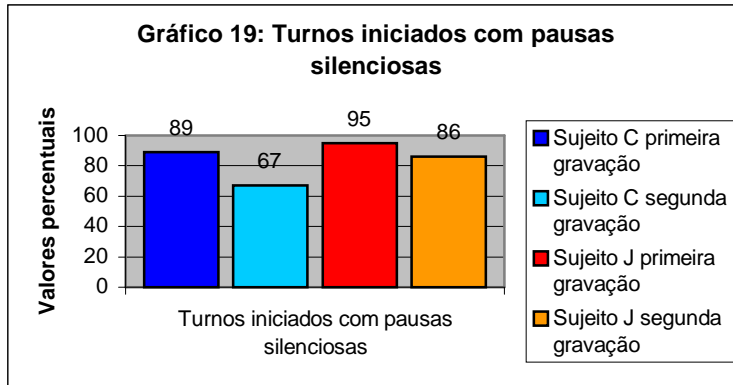
Quadro 09 – Distribuição das pausas quanto ao preenchimento.

Pausas	C				J			
	1ª gravação		2ª gravação		1ª gravação		2ª gravação	
	n	%	n	%	n	%	n	%
Silenciosas	64	89	40	67	120	95	72	86
Preenchidas	02	2,8	08	13	-	0	02	02
Mistas	06	8,2	12	20	06	5	10	12
Total	72	100	60	100	126	100	84	100

Ainda com base no Quadro 09, notamos que, na primeira sessão de gravação de cada sujeito, do total de 72 (100%) pausas de C, 89% correspondem a pausas **silenciosas**, 2,8% a pausas **preenchidas** e 8,2% a pausas **mistas**. Em relação a J, de seu total de 126 (100%) pausas, 95% correspondem a pausas **silenciosas**, 0% a pausas **preenchidas** e 5% a pausas **mistas**.

Já na segunda sessão de gravação de cada sujeito, do total de 60 (100%) pausas de C, 67% correspondem a pausas **silenciosas**, 13% a pausas **preenchidas** e 20% a pausas **mistas**. Em relação a J, de seu total de 84 (100%) pausas, 86% correspondem a pausas **silenciosas**, 2% a pausas **preenchidas** e 12% a pausas **mistas**.

Esse conjunto de dados percentuais pode ser mais bem visualizado nos Gráficos 19 (que se centra na comparação entre os sujeitos em relação a suas pausas silenciosas), 20 (em relação a suas pausas preenchidas) e 21 (em relação a suas pausas mistas):



O Gráfico 19 nos permite visualizar, em valores percentuais, as pausas **silenciosas** de início de turno dos sujeitos C e J. Podemos observar que, em relação à primeira gravação, a ocorrência de pausas silenciosas na segunda gravação apresentou uma diminuição de 22% para C, tendência que também se manifestou em J, já que este sujeito apresentou uma diminuição de 9%.

No que se refere à comparação intersujeitos desse mesmo aspecto das pausas em cada um de seus dois diferentes registros, na primeira gravação, a diferença entre C e J foi de 6% a mais para J; na segunda gravação, essa tendência se manteve, de modo mais acentuado, já que a diferença foi de 19% para J.

Por sua vez, o Gráfico 20 permite visualizar, em valores percentuais, as pausas **preenchidas** de início de turno dos sujeitos C e J. Podemos observar que, inversamente ao que ocorreu nas pausas silenciosas, em relação à primeira gravação, a ocorrência de pausas preenchidas na segunda gravação apresentou um aumento da ordem de 11,2% para C, tendência que também se manifestou em J, embora de modo menos acentuado, já que este sujeito apresentou um aumento de 2%.

No que se refere à comparação intersujeitos desse mesmo aspecto das pausas em cada um de seus dois diferentes registros, na primeira gravação, a diferença entre C e J foi de 2,8% a mais para C; já na segunda gravação, a diferença foi de 11% a mais também para C.

Finalmente, o Gráfico 21 permite visualizar, em valores percentuais, as pausas **mistas** de início de turno dos sujeitos C e J. Podemos observar que, mantendo a tendência verificada nas pausas preenchidas, em relação à primeira gravação, a ocorrência de pausas mistas na segunda gravação apresentou um aumento da ordem de 11,8% para C, tendência que também se manifestou em J, embora menos acentuada, já que este sujeito apresentou um aumento de 7%.

No que se refere à comparação intersujeitos desse mesmo aspecto das pausas em cada um de seus dois diferentes registros, na primeira gravação, a diferença entre C e J foi de 3,2% a mais para C; na segunda gravação, mantendo essa tendência, a diferença foi de 8% a mais para C.

Desse modo, é possível verificar que, em ambos os sujeitos, houve uma diminuição percentual em suas pausas **silenciosas** e um aumento em suas pausas **preenchidas e mistas**, especialmente para o sujeito C.

3.4.2 Correlações entre turnos desenvolvidos e possibilidade de preenchimento das pausas iniciais

Passaremos, agora, a analisar a correlação existente entre turnos desenvolvidos e o preenchimento acústico (ou não) das pausas. O Quadro 10 apresenta a distribuição das pausas quanto à possibilidade de preenchimento em início de turnos desenvolvidos (em valores absolutos e percentuais) de nossos dois sujeitos, em suas duas sessões de gravação:

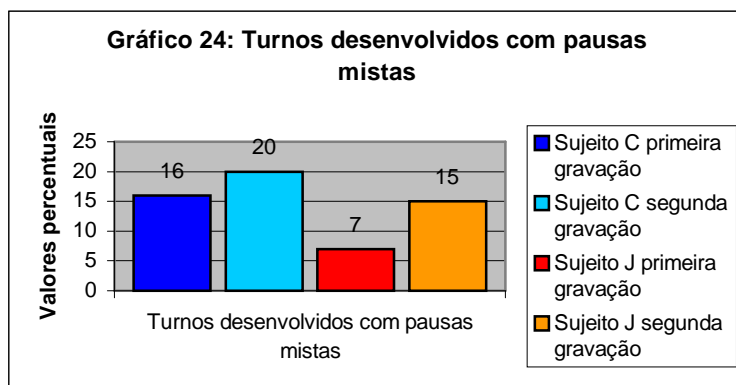
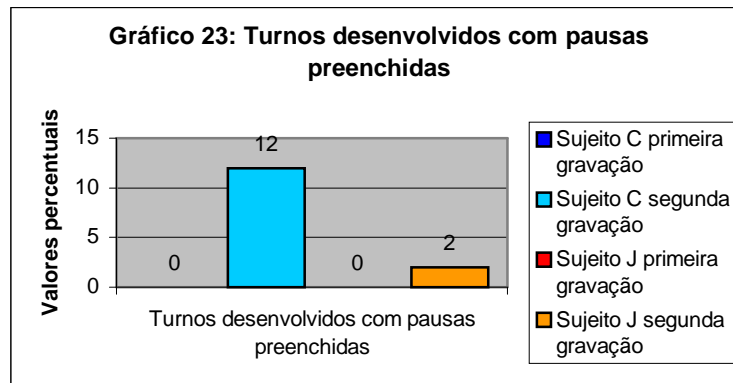
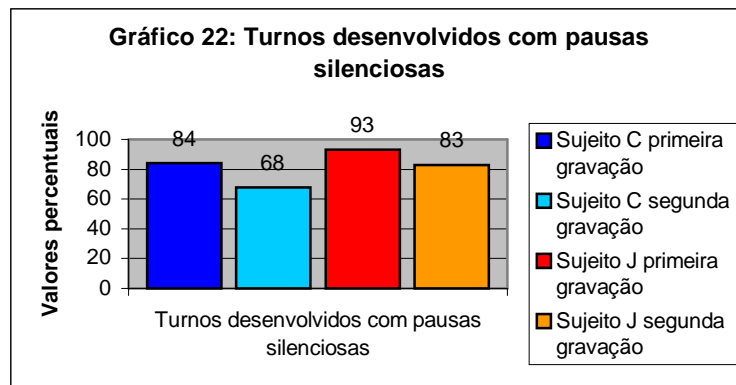
Quadro 10 – Distribuição das pausas quanto a sua possibilidade de preenchimento em relação aos turnos desenvolvidos.

Turnos desenvolvidos com pausas	C				J			
	1ª gravação		2ª gravação		1ª gravação		2ª gravação	
	n	%	n	%	n	%	n	%
silenciosas	32	84	23	68	81	93	35	83
preenchidas	-	0	04	12	-	0	01	02
mistas	06	16	07	20	06	07	06	15
Total de pausas	38	100	34	100	87	100	42	100

Notamos no quadro 10, que, na primeira sessão de gravação de cada sujeito, do total de 38 (100%) pausas em início de turnos desenvolvidos de C, 84% correspondem a pausas **silenciosas**, 0% a pausas **preenchidas** e 16% a pausas **mistas**. Em relação a J, de seu total de 87 (100%) pausas em início de turnos desenvolvidos, 93% correspondem a pausas **silenciosas**, 0% a pausas **preenchidas** e 7% a pausas **mistas**.

Já na segunda sessão de gravação de cada sujeito, do total de 34 (100%) pausas em início de turnos desenvolvidos de C, 68% correspondem a pausas **silenciosas**, 12% a pausas **preenchidas** e 20% a pausas **mistas**. Em relação a J, de seu total de 42 (100%) pausas em início de turnos desenvolvidos, 83% correspondem a pausas **silenciosas**, 2% a pausas **preenchidas** e 15% a pausas **mistas**.

Esse conjunto de dados percentuais pode ser mais bem visualizado nos Gráficos 22 (que se centra na comparação entre os sujeitos em relação a suas pausas silenciosas em início de turnos desenvolvidos), 23 (em relação a suas pausas preenchidas em início de turnos desenvolvidos) e 24 (em relação a suas pausas mistas em início de turnos desenvolvidos):



O Gráfico 22 nos permite visualizar, em valores percentuais, as pausas **silenciosas** de início de turnos desenvolvidos dos sujeitos C e J. Podemos observar que, em relação à primeira gravação, a ocorrência de pausas silenciosas na segunda gravação apresentou uma

diminuição de 16% para C, tendência que também se manifestou em J, já que este sujeito apresentou uma diminuição de 10%.

No que se refere à comparação intersujeitos desse mesmo aspecto das pausas em início de turnos desenvolvidos em cada um de seus dois diferentes registros, na primeira gravação, a diferença entre C e J foi de 9% a mais para J; na segunda gravação, essa tendência se manteve, de modo mais acentuado, já que a diferença foi de 15% para J.

Por sua vez, o Gráfico 23 permite visualizar, em valores percentuais, as pausas **preenchidas** de início de turnos desenvolvidos dos sujeitos C e J. Podemos observar que, inversamente ao que ocorreu nas pausas silenciosas, em relação à primeira gravação, a ocorrência de pausas preenchidas na segunda gravação apresentou um aumento da ordem de 12% para C, tendência que também se manifestou em J, embora de modo bem menos acentuado, já que este sujeito apresentou um aumento de 2%.

No que se refere à comparação intersujeitos desse mesmo aspecto das pausas em cada um de seus dois diferentes registros, na primeira gravação, observamos que não houve diferenças intersujeitos, já que a ocorrência de pausas preenchidas em início de turnos desenvolvidos foi de 0% para os dois sujeitos; já na segunda gravação, a diferença foi de 10% a mais para C.

Finalmente, o Gráfico 24 permite visualizar, em valores percentuais, as pausas **mistas** de início de turnos desenvolvidos dos sujeitos C e J. Podemos observar que, mantendo a tendência verificada nas pausas preenchidas, em relação à primeira gravação, a ocorrência de pausas mistas na segunda gravação apresentou um aumento da ordem de 4% para C, tendência que também se manifestou em J, embora mais acentuada, já que este sujeito apresentou um aumento de 8%.

No que se refere à comparação intersujeitos desse mesmo aspecto das pausas em início de turnos desenvolvidos em cada um de seus dois diferentes registros, na primeira gravação, a diferença entre C e J foi de 9% a mais para C; na segunda gravação, mantendo essa tendência, a diferença foi de 5% a mais para C.

Desse modo, é possível verificar que, em ambos os sujeitos, houve uma diminuição percentual em suas pausas **silenciosas** em início de turnos desenvolvidos e um aumento em suas pausas **preenchidas e mistas** em início de turnos desenvolvidos especialmente para o sujeito C.

3.4.3 Correlações entre turnos não desenvolvidos e preenchimento das pausas iniciais

Passaremos, agora, a analisar a correlação existente entre turnos não desenvolvidos e o preenchimento acústico (ou não) das pausas. O Quadro 11 apresenta a distribuição das pausas quanto à possibilidade de preenchimento em início de turnos não desenvolvidos (em valores absolutos e percentuais) de nossos dois sujeitos, em suas duas sessões de gravação:

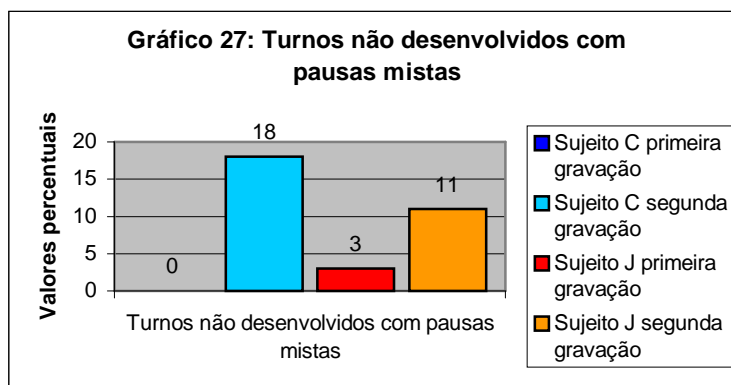
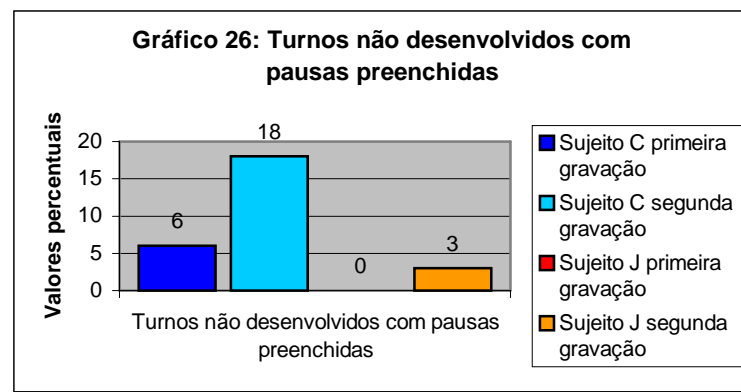
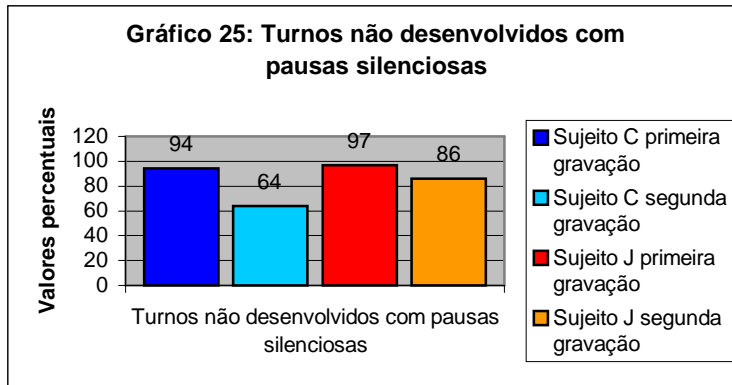
Quadro 11 – Distribuição das pausas quanto a sua possibilidade de preenchimento em relação aos turnos não desenvolvidos.

Turnos não desenvolvidos com pausas	C				J			
	1ª gravação		2ª gravação		1ª gravação		2ª gravação	
	n	%	n	%	n	%	n	%
silenciosas	29	94	14	64	36	97	30	86
preenchidas	02	6	04	18	-	0	01	03
mistas	-	0	04	18	01	03	04	11
Total de pausas	31	100	22	100	37	100	35	100

O Quadro 11 nos permite visualizar que, na primeira sessão de gravação de cada sujeito, do total de 31 (100%) pausas em início de turnos não desenvolvidos de C, 94% correspondem a pausas **silenciosas**, 6% a pausas **preenchidas** e 0% a pausas **mistas**. Em relação a J, de seu total de 37 (100%) pausas em início de turnos não desenvolvidos, 97% correspondem a pausas **silenciosas**, 0% a pausas **preenchidas** e 3% a pausas **mistas**.

Já na segunda sessão de gravação de cada sujeito, do total de 22 (100%) pausas em início de turnos não desenvolvidos de C, 64% correspondem a pausas **silenciosas**, 18% a pausas **preenchidas** e 18% a pausas **mistas**. Em relação a J, de seu total de 35 (100%) pausas em início de turnos não desenvolvidos, 86% correspondem a pausas **silenciosas**, 3% a pausas **preenchidas** e 11% a pausas **mistas**.

Esse conjunto de dados percentuais pode ser mais bem visualizado nos Gráficos 25 (que se centra na comparação entre os sujeitos em relação a suas pausas silenciosas em início de turnos não desenvolvidos), 26 (em relação a suas pausas preenchidas em início de turnos não desenvolvidos) e 27 (em relação a suas pausas mistas em início de turnos não desenvolvidos):



O Gráfico 25 nos permite visualizar, em valores percentuais, as pausas **silenciosas** de início de turnos não desenvolvidos dos sujeitos C e J. Podemos observar que, em relação à primeira gravação, a ocorrência de pausas silenciosas na segunda gravação apresentou uma diminuição de 30% para C, tendência que também se manifestou em J, já que este sujeito apresentou uma diminuição de 11%.

No que se refere à comparação intersujeitos desse mesmo aspecto das pausas em início de turnos não desenvolvidos em cada um de seus dois diferentes registros, na primeira gravação, a diferença entre C e J foi de 3% a mais para J; na segunda gravação, essa tendência se manteve, de modo mais acentuado, já que a diferença foi de 22% para J.

Por sua vez, o Gráfico 26 permite visualizar, em valores percentuais, as pausas **preenchidas** de início de turnos não desenvolvidos dos sujeitos C e J. Podemos observar que, inversamente ao que ocorreu nas pausas silenciosas, em relação à primeira gravação, a ocorrência de pausas preenchidas na segunda gravação apresentou um aumento da ordem de 12% para C, tendência que também se manifestou em J, embora de modo menos acentuado, já que este sujeito apresentou um aumento de 3%.

No que se refere à comparação intersujeitos desse mesmo aspecto das pausas em cada um de seus dois diferentes registros, na primeira gravação, a diferença entre C e J foi de 6% a mais para C; já na segunda gravação, a diferença foi de 15% a mais também para C.

Finalmente, o Gráfico 27 permite visualizar, em valores percentuais, as pausas **mistas** de início de turnos não desenvolvidos dos sujeitos C e J. Podemos observar que, mantendo a tendência verificada nas pausas preenchidas, em relação à primeira gravação, a ocorrência de pausas mistas na segunda gravação apresentou um aumento da ordem de 18% para C, tendência que também se manifestou em J, embora menos acentuada, já que este sujeito apresentou um aumento de 8%.

No que se refere à comparação intersujeitos desse mesmo aspecto das pausas em início de turnos não desenvolvidos em cada um de seus dois diferentes registros, na primeira gravação, a diferença entre C e J foi de 3% a mais para J; já na segunda gravação, a diferença foi de 7% a mais para C.

Desse modo, é possível verificar que, em ambos os sujeitos, houve uma diminuição percentual em suas pausas **silenciosas** em início de turnos não desenvolvidos e um aumento em suas pausas **preenchidas e mistas** em início de turnos não desenvolvidos especialmente para o sujeito C.

4 – DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Antes de iniciarmos nossa discussão, é importante destacarmos, antecipadamente, a dificuldade que encontramos para correlacionarmos nossos dados com dados obtidos na literatura dominante sobre a doença de Parkinson.

Conforme expusemos na Introdução deste estudo, a maioria das pesquisas sobre pausa na doença de Parkinson utiliza, como suporte metodológico, repetição e/ou leitura de palavras, de sentenças e de pequenos textos. São pouquíssimos os estudos que analisam a pausa na conversa espontânea de sujeitos parkinsonianos²⁰. Autores como Kent et al (1999) e Schulz & Grant (2000) destacam a dificuldade ou mesmo a impossibilidade de se compararem dados obtidos de leitura com dados obtidos de conversa espontânea. A título de exemplo, de acordo com esses autores, o que eles definem como alteração prosódica parece estar mais acentuado em dados de conversa espontânea do que em dados obtidos com leitura. Mesmo assim, na medida de sua possibilidade e, sobretudo, relevância para a explicação de fatos suscitados por nossos dados, estudos desenvolvidos com metodologia diferente daquela que adotamos também poderão servir de suporte explicativo para resultados de nossa pesquisa.

Passaremos, agora, a uma breve explicação sobre como nossa discussão se desenvolverá. Os dados serão organizados em função de dois eixos principais: no primeiro (seção 4.1), trataremos de funcionamentos das pausas mais comuns entre os dois sujeitos e, no segundo (seção 4.2), discutiremos funcionamentos das pausas mais específicos a cada um deles. Em cada uma dessas seções, retomaremos, de forma sucinta, dados de C e J apresentados no Capítulo 3, comparando suas duas sessões de registro. Por fim, na seção 4.3, apontaremos algumas conclusões a que chegamos em nossa discussão, e ainda, retomaremos cada um dos objetivos propostos em nossa Introdução (seção 1.3), para responder se cumprimos ou não cada um deles.

Durante a discussão dos dados, procuraremos correlacioná-los e, ao fazermos tais correlações, procuraremos levantar possíveis hipóteses explicativas para seu funcionamento. Para tanto, vamos nos basear não apenas na literatura sobre o parkinsonismo, mas também (e, talvez, principalmente) na literatura sobre a ocorrência de pausas na atividade verbal de sujeitos sem comprometimento neurológico, destacada especialmente no Capítulo 1 (seção 1.2) deste nosso estudo.

²⁰ Dentre os estudos a que tivemos acesso, encontramos apenas os de Illes et al (1988), Chacon e Schulz (2000) e Zaniboni (2001).

4.1 – Funcionamentos das pausas mais comuns entre os dois sujeitos

A análise de nossos resultados permitiu-nos observar que o funcionamento das pausas na atividade verbal de nossos sujeitos se deu, em certos momentos, de modo semelhante.

Essa tendência à semelhança será tematizada primeiramente (seção 4.1.1) em função da correlação entre frequência de pausas e turnos conversacionais. Para tanto, nessa seção, retomaremos, inicialmente, dados de C, em seguida, dados de J e, finalmente, a comparação entre dados de C e de J, referentes à correlação a ser enfocada. Também a tendência à semelhança será tematizada (seção 4.1.2) em função do que acreditamos ser um modo mais específico com que as características das pausas se mostram na atividade enunciativa de nossos sujeitos.

4.1.1 Correlação entre frequência de pausas e turnos conversacionais

Observando-se os resultados, tal como expostos no Capítulo 3, no que se refere ao primeiro aspecto analisado de nossos dados, quantidade de turnos discursivos do sujeito C, verificamos uma diminuição da primeira para a segunda sessão de registros dessa quantidade. Este sujeito teve 21 turnos a menos em sua segunda gravação.

No que se refere à presença de pausas iniciais na atividade discursiva desse mesmo sujeito, observamos também uma diminuição. Ou seja, na segunda gravação, o sujeito C organizou sua atividade discursiva com 3% a menos de turnos iniciados por pausas.

Quanto ao sujeito J, também observamos uma diminuição da quantidade de seus turnos discursivos da primeira para a segunda gravação. Este sujeito apresentou, na segunda gravação, uma diminuição de 23 turnos discursivos.

No que diz respeito à presença de pausas iniciais na atividade discursiva de J, observamos outra diminuição. Na segunda gravação, o sujeito J organizou sua atividade discursiva com 15% a menos de turnos iniciados por pausas.

Comparando-se os dados de C e de J em seus dois registros de gravação, é possível observar em ambos uma tendência de diminuição tanto de turnos discursivos quanto de pausas iniciais. Esses resultados sugerem-nos, portanto, uma correlação entre os dois fatos verificados – pausas iniciais e turnos discursivos.

Um primeiro olhar para essa diminuição correlacionada permite-nos pensar que fatores de ordem enunciativa, tais como a relação dos sujeitos com a tarefa, possam estar em jogo, já

que, na segunda sessão, os sujeitos poderiam estar mais envolvidos com a própria atividade conversacional e menos com o seu propósito – em razão de uma provável maior familiaridade com os procedimentos de registro de sua atividade verbal na segunda sessão de gravação.

Além disso, se analisássemos apenas o dado isolado de diminuição da frequência de pausas em início de turnos, a explicação apresentada para essa diminuição apontaria para uma melhora no quadro clínico da doença, já que, de acordo com autores como Illes et al (1988), a piora no quadro clínico provocaria um aumento no número das pausas e não uma diminuição, como verificamos em nosso estudo. Isso porque, segundo esses autores, conforme a severidade da doença e a piora da disartria, os sujeitos parkinsonianos adotariam estratégias para adaptar ou compensar dificuldades motoras, tais como “[...] pedaços relativamente curtos de fala sem interrupção e [...] hesitações silenciosas que ocorrem com mais frequência, e com duração mais longa, no começo de orações (p.157)²¹.

Contudo, um segundo olhar para essa diminuição da quantidade de turnos e de pausas iniciais permite-nos levantar outras possibilidades explicativas.

Uma dessas possibilidades seria a de pensar que, em razão do tempo de um ano e oito meses entre as duas sessões de gravação, nossos sujeitos provavelmente tenham apresentado uma piora em seu quadro clínico. Como reforço dessa hipótese, seria importante destacar que, embora os sujeitos pudessem ter a sua disposição um tempo de 40 a 50 minutos (tempo médio de duração de uma sessão de terapia) para desenvolverem sua atividade verbal, a segunda sessão de cada sujeito foi desenvolvida com uma duração consideravelmente menor do que a primeira²², sobretudo em função de dificuldades físicas dos sujeitos.

Outra possibilidade explicativa seria a de observar fatores em jogo na correlação entre turnos discursivos e pausas, tais como o seu desenvolvimento ou não e as características acústicas dessas pausas. Sobretudo porque, sendo a pausa constitutiva do exercício da linguagem, esta só é possível de ser analisada em correlação com fatores conversacionais nas e pelas instâncias discursivas. Por isso, passaremos à correlação entre (4.1.1.1) duração das pausas e desenvolvimento (ou não) de turnos discursivos; e (4.1.1.2) preenchimento (ou não) de pausas e desenvolvimento (ou não) de turnos discursivos. A nosso ver, esses fatores correlacionados podem explicar com mais propriedade o fato de as pausas, em nosso estudo, terem diminuído.

²¹ “[...] relatively short chunks of uninterrupted speech and [...] silent hesitations occurring most frequently, and of longest duration, at the beginning of sentences” (p.157).

²² Relembremos o tempo de duração da primeira e da segunda sessão de gravação de cada um de nossos dois sujeitos: C = 36’48 e 28’09; J = 38’20 e 31’44.

4.1.1.1 – Correlação entre duração das pausas e desenvolvimento (ou não) de turnos discursivos

Como já antecipamos, para que possamos compreender o funcionamento mais geral da pausa na atividade discursiva dos nossos dois sujeitos e, ainda, o motivo da diminuição de suas pausas iniciais, torna-se necessário correlacionarmos aspectos como a duração das pausas e o desenvolvimento ou não de turnos discursivos. Para tanto, apresentaremos primeiramente os dados relativos ao desenvolvimento (ou não) de turnos discursivos, depois os dados relacionados apenas à duração de pausas em início de turnos e, por fim, a correlação entre desenvolvimento (ou não) de turnos e a duração das pausas iniciais.

Quanto ao desenvolvimento ou não de turnos discursivos, observamos que o sujeito C apresentou, da primeira para a segunda gravação, uma diminuição em torno de 07% de seus turnos desenvolvidos, e um aumento de 06% de seus turnos não desenvolvidos.

No que diz respeito à duração das pausas que antecederam os turnos discursivos de C, observamos que, em seu primeiro registro, C utilizava 64% de pausas breves em início de turnos e apenas 36% de pausas médias e longas somadas. Já no segundo registro é possível notar uma diminuição considerável no uso de pausas breves, em torno de 35%, e um aumento, também importante, no uso de pausas médias e longas, que, juntas, passaram a somar 65%.

Quanto à duração das pausas em início de turnos desenvolvidos, os dados demonstraram que o sujeito C, na primeira gravação, iniciou seus turnos principalmente por pausas breves (55%), sendo que as pausas médias e longas, juntas, somavam 45%. Já na segunda gravação, os dados mostraram que o sujeito C apresentou uma diminuição de pausas breves para 27% e um aumento considerável de pausas médias e longas no início de seus turnos desenvolvidos (73% no total desses dois tipos).

Quanto ao sujeito J, no que se refere ao desenvolvimento ou não de turnos discursivos, os dados demonstraram que este sujeito apresentou uma diminuição de seus turnos desenvolvidos, da primeira para a segunda sessão de registro, em torno de 10%, e um aumento de seus turnos não desenvolvidos em torno de 16%.

No que se refere à duração das pausas iniciais, observamos que, em sua primeira gravação, J utilizava 43% de pausas breves no início de seus turnos, e 57% de pausas médias e longas somadas. Já na segunda sessão de gravação, houve uma diminuição para 30% no uso de pausas breves e um aumento para 70% no uso de pausas médias e longas.

Quanto à duração das pausas em início de turnos desenvolvidos, observamos que o sujeito J, em sua primeira gravação, iniciou seus turnos principalmente por pausas breves (36%), sendo que as pausas médias e longas somavam 64%. Já na sua segunda gravação, os dados mostraram que o sujeito J apresentou uma diminuição de pausas breves para 19% e um aumento de pausas médias e longas para 81%.

Comparando-se os dados obtidos para os sujeitos C e J, nas suas duas sessões de registro, observamos que os dois sujeitos apresentaram uma tendência de diminuição de turnos desenvolvidos e aumento de turnos não desenvolvidos, e ainda, diminuição de pausas breves antes de turnos desenvolvidos e aumento de pausas médias e longas que antecediam esse mesmo tipo de turno.

No que se refere à diminuição de turnos desenvolvidos e aumento de turnos não desenvolvidos, este fato aponta para uma piora da correlação entre aspectos motores e simbólicos da linguagem, já que a atividade cognitiva mobilizada por turnos mais desenvolvidos exigiria dos sujeitos um maior trabalho de coordenação de suas funções motoras.

Outro aspecto importante que devemos destacar é que, de acordo com dados apresentados no Capítulo 3 (especialmente nos Quadros 07 e 08 e nos Gráficos 13, 14, 15, 16, 17, 18), pudemos notar que as pausas breves, tanto na primeira como na segunda gravação, achavam-se associadas, principalmente, aos turnos não desenvolvidos, como nos mostram os Exemplos 01, 02, 03 e 04 abaixo:

Exemplo 01 (extraído da 1ª gravação de C): *T e C estão conversando sobre um programa de televisão.*

T é né + senhor assistiu ratinho ontem?

C (0.67) *assisti*

Exemplo 02 (extraído da 1ª gravação de J): *T e J conversam sobre os exercícios de fisioterapia.*

T ah o senhor tava de/fazendo de bicicleta?

J (0.56) *tava*

Exemplo 03 (extraído da 2ª gravação de C): *L e C conversam sobre o acompanhamento médico de C.*

L. qual o nome do médico?

C. (0.77) *Melgis*

Exemplo 04 (extraído da 2ª gravação de J): *L e J conversam sobre o trabalho de J no IBGE.*

L. ele olha assim de rabo de olho pra ela + e conta outra coisa como era o trabalho do senhor lá lá no IBGE? o senhor disse que era cansativo tudo mas o que que o senhor fazia lá?

J. (0.76) *coleta de dados*

Já as pausas médias e longas, também tanto na primeira como na segunda gravação, achavam-se associadas principalmente aos turnos desenvolvidos, tanto para C como para J, como nos mostram os Exemplos 05, 06, 07 e 08 abaixo:

Exemplo 05 (extraído da 1ª gravação de C): *C questiona T sobre a diferença da terapia para adultos e para crianças.*

T é tem criança tem adolescente tem: + adulto tem toda idade

C (1.76) *e o: tratamento pras criança é mesma coisa? + mesmo que adulto?*

Exemplo 06 (extraído da 1ª gravação de J): *T questiona J sobre seus engasgos.*

T senhor não está tendo assim tosse durante a alimentação?

J (1.66) *não + é interessante que:: +++ dá a tosse + e aí pára + passa um bom período + e torna a dar*

Exemplo 07 (extraído da 2ª gravação de C): *L e C conversam sobre o gosto de C pela escrita.*

L. por que o senhor diz?

J. [o vó:: ((sobreposição de vozes))]

C. + (1.21) *eu num gosto muito de escrever + às vezes uma carta um bilhete ++*

L. [por que?]

às vezes: às vezes eu escrevo muito pouco

Exemplo 08 (extraído da 2ª gravação de J): *L questiona J sobre a diferença de dizer que um distrito é populoso e povoado.*

L. qual que é a diferença de populoso e povoado?

J. (3.43) *populoso é:: su: + super povoado ++ naquela tempo naquele tempo era*

L. [o senhor trabalhou no]

considerado:: é:: populoso ((sobreposição de vozes))

Esse fato nos permite levantar a hipótese de que não só a presença da pausa, mas especialmente suas características, tais como, no caso, sua duração, seriam de fundamental importância (ou talvez, mesmo, aspectos imprescindíveis) para que os sujeitos pudessem desenvolver seus turnos discursivos.

A esse respeito, Henderson, Goldman-Eisler e Skarbek (1966), Rochester (1973), Beattie (1980), Butterworth (1980), Marcuschi (1986), Brito (1994) e Koch (1997), embora em estudos levados a cabo com sujeitos diferentes daqueles com os quais trabalhamos e em contextos de análise diferentes, destacam que pausas de maior duração (mais longas) estariam correlacionadas a funções de planejamento sintático e semântico e criariam, para o falante, um tempo maior para a realização de seu trabalho cognitivo. Brito (1994), especialmente, observa que a ocorrência da pausa funcionaria como elemento cognitivo, indicando o planejamento verbal do falante e facilitando a compreensão do ouvinte.

Ainda no que se refere ao desenvolvimento de turno relacionado ao trabalho cognitivo do falante, Marcuschi (1986) ressalta que hesitações (ou pausas preenchidas) teriam um papel importante na organização e no planejamento interno do turno, propiciando ao falante um maior tempo para sua atividade conversacional. Já Goldman-Eisler (1958) destaca que “as pausas na fala parecem ser uma manifestação do bloqueio mais geral da atividade que ocorre quando organismos são confrontados com situações de incerteza, ou seja, quando a seleção do passo seguinte requer um ato de escolha” (p.96)²³, como acreditamos ser o caso na elaboração de turnos desenvolvidos, sobretudo quando se mostram como mais complexos (como nos exemplos acima apresentados).

4.1.1.2 – Correlação entre preenchimento (ou não) de pausas e desenvolvimento (ou não) de turnos discursivos

Continuando a revisão dos nossos dados, passaremos, agora, a correlacionar os turnos desenvolvidos e não desenvolvidos dos sujeitos C e J com características de preenchimento acústico das pausas que antecederam esses turnos. Apresentaremos primeiramente os dados relativos ao preenchimento acústico das pausas e, posteriormente, os dados correlacionados de preenchimento (ou não) das pausas e o fato de os turnos serem ou não desenvolvidos.

Conforme os dados apresentados no Capítulo 3 (especialmente nos Quadros 09 e 10 e nos Gráficos 19, 20, 21, 22, 23 e 24), vimos que, da primeira para a segunda gravação do sujeito C, houve uma diminuição das pausas silenciosas presentes no início de seus turnos discursivos. Na primeira gravação, este sujeito apresentava 89% de pausas silenciosas no início de seus turnos; já, na segunda gravação, este valor caiu para 67%. Quanto às pausas

²³ “Pauses in speech seemed therefore to be one manifestation of the more general blocking of activity which occurs when organisms are confronted with situations of uncertainty, i.e. when the selection of the next step requires an act of choice” (GOLDMAN-EISLER, 1958, p. 96)

preenchidas e mistas, observamos uma tendência inversa, ou seja, um aumento desse tipo de pausa na atividade discursiva do sujeito C. Enquanto que, na primeira gravação, o sujeito C utilizava apenas 11% de pausas preenchidas e mistas (somadas) no início de seus turnos, na segunda gravação, este sujeito passou a iniciar seus turnos por 33% de pausas preenchidas e mistas somadas.

No que se refere à correlação entre desenvolvimento de turnos e características acústicas de preenchimento das pausas do sujeito C, observamos que, na primeira sessão de registro, este sujeito apresentava 84% de suas pausas silenciosas antecedendo turnos desenvolvidos; já, na segunda sessão, observamos uma diminuição desse valor para 68%. Quanto às pausas preenchidas e mistas, notamos que, na primeira sessão de registro, apenas 16% desse tipo de pausa antecedia os turnos desenvolvidos do sujeito C; já, na segunda sessão, observamos um aumento desse valor para 32%.

Quanto ao sujeito J, no que se refere às características de preenchimento acústico de suas pausas, observamos que, em sua primeira gravação, este sujeito apresentava 95% de pausas silenciosas antecedendo seus turnos. Já, na segunda gravação, observamos uma diminuição para 86% desse tipo de pausas. No que diz respeito às pausas preenchidas e mistas, a tendência foi oposta a essa, ou seja, na primeira gravação, o sujeito J apresentava 5% de pausas preenchidas e mistas no início de seus turnos e, na segunda, notamos um aumento para 14% desse tipo de pausas.

No que diz respeito à correlação entre desenvolvimento de turnos e características acústicas de preenchimento das pausas do sujeito J, observamos que, na primeira sessão de registro, este sujeito apresentava 93% de suas pausas silenciosas antecedendo turnos desenvolvidos; já, na segunda sessão, observamos uma diminuição desse valor para 83%. Quanto às pausas preenchidas e mistas, notamos que, na primeira sessão de registro, apenas 07% desses tipos de pausas (somadas) antecedia os turnos desenvolvidos do sujeito J; já, na segunda sessão, observamos um aumento desse valor para 17%.

Se compararmos os dados dos sujeitos C e J, tanto no que se refere, mais especificamente, ao preenchimento acústico das pausas, quanto no que se refere à correlação entre desenvolvimento de turnos e preenchimento acústico das pausas, observamos uma tendência, para os dois sujeitos, de diminuição de pausas silenciosas e de aumento de pausas preenchidas e mistas antecedendo turnos desenvolvidos.

É importante ressaltar que, assim como no caso da duração das pausas, foi possível observar que a maioria das pausas preenchidas e, em especial, das mistas encontrava-se diante

de turnos desenvolvidos, tanto na primeira quanto na segunda gravação, conforme nos mostram os Exemplos 09, 10, 11 e 12 e as Figuras 07, 08, 09 e 10 abaixo:

Exemplo 09 (extraído da 1ª gravação de C): *C e T conversam sobre o cunhado de C.*

T no:: ssa mas ele era novo não era seu Célio?

C sessenta e cinco anos (por aí)

T novo né?

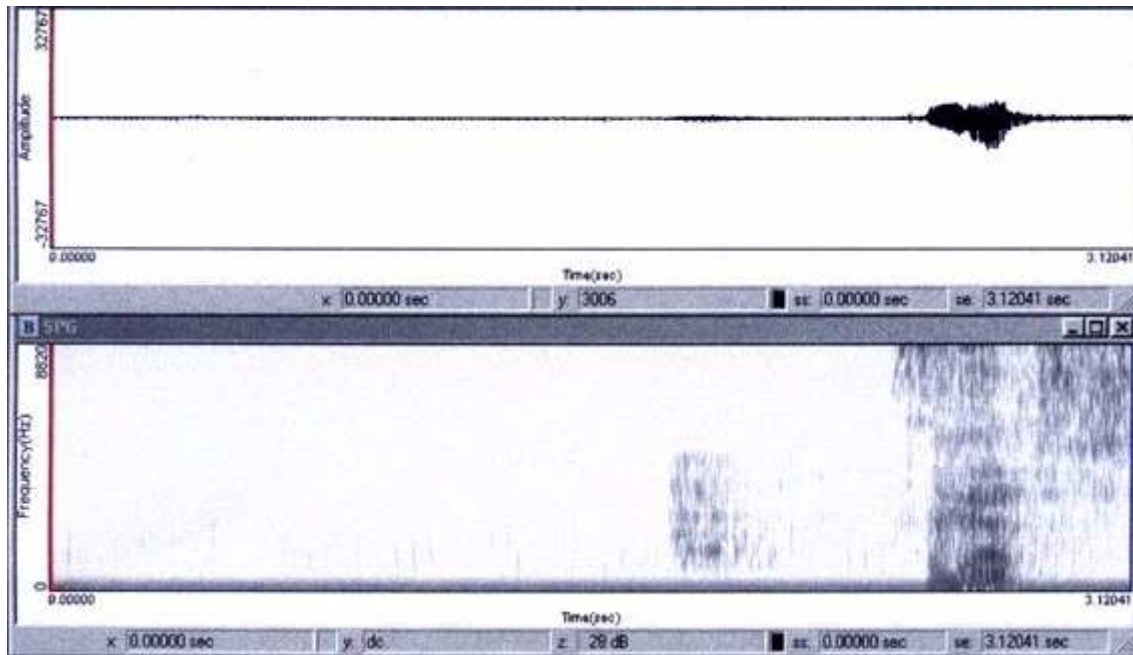
C (3.12) u:: uma figura cheia de:: mania sabe + ele tinha muita mania negócio de dinheiro

T [ahn]

+ um tostão pra ele era um milhão + ele vai todo dia ao banco/ele ia todo dia ao banco

T [uhn]

Figura 07: *Digitalização da pausa inicial mista de C, destacada no exemplo 09.*

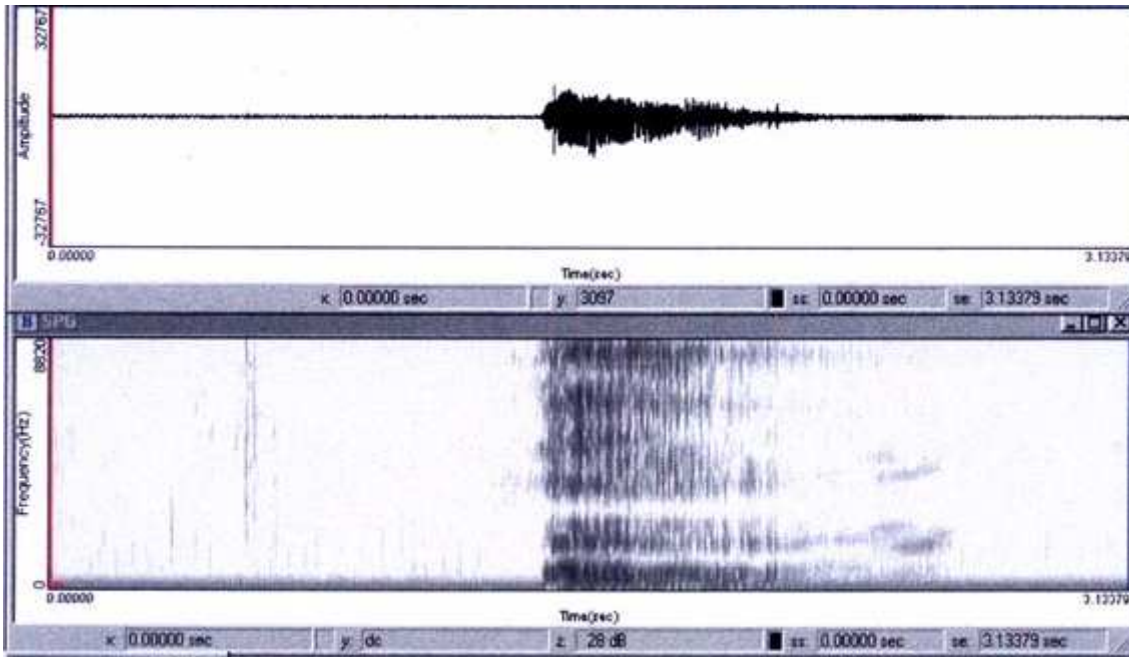


Exemplo 10 (extraído da 1ª gravação de J): *T e J conversam sobre o fato de o médico de J tê-lo orientado a procurar um oculista.*

T é: tá difícil do senhor ler?

J (3.13) é:: + o Parkinson ele já/já a-atinge a v/ ++ vista + a visão

Figura 08: *Digitalização da pausa inicial mista de J, destacada no exemplo 10.*



Exemplo 11 (extraído da 2ª gravação de C): *C explica pra L como decidiu entrar para a Academia do Barro Branco*

L. e quando o senhor decidiu entrar pra academia?

C. (1.96) *ah:: eu tive um amigo ++ coronel (Foot) era capitão (Foot) ++ meu pai um dia foi fazer um serviço na casa dele ele falou pô você está fazendo o que? ++ estou no ginásio ++ num quer entrar pra academia da força pública? era força pública ++ vou pensar em casa meu pai + quer que seja militar mas militar profissional + porque eles pagam a:: por mês + tem vencimento + todo o o:: material ++ uniforme tudo ganha tudo de graça + eu prestei a*

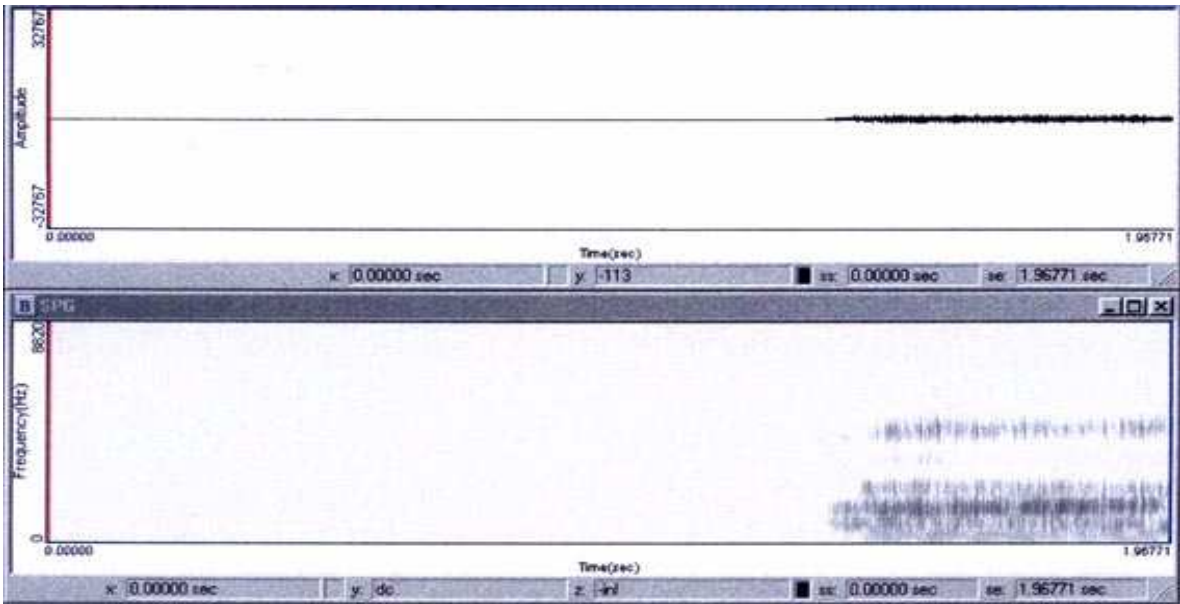
L. [ãhã]

primeira vez fui reprovado+ na segunda vez eu falei agora eu vô pra entrá + de noite de dia

L. [ah::]

++ o sistema era bem rigoroso (...)

Figura 09: Digitalização da pausa inicial mista do sujeito C, destacada no exemplo 11.



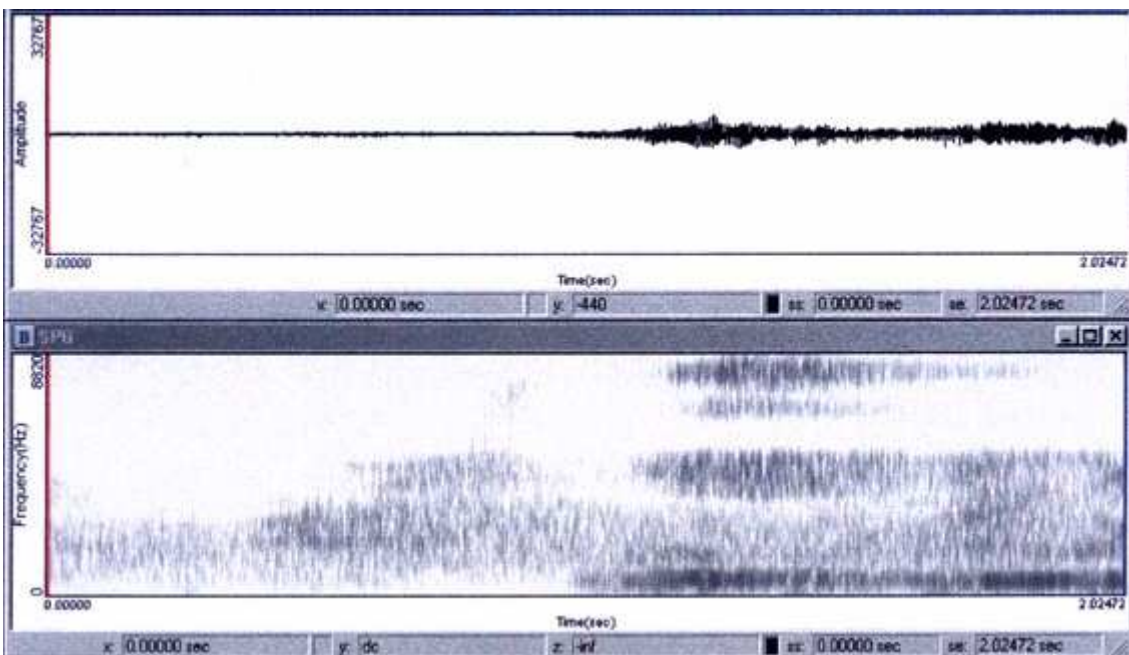
Exemplo 12 (extraído da 2ª gravação de J): *J explica pra T qual era sua função no IBGE e diz por que a estatística é sinônimo de mentira.*

J. [está? então limpa aí ((risos))

T. [nã::o agora vai deixar ((risos))

J. ((risos)) (2.02) *eh::: estatística::: estatística porque o pessoal + o informante na hora que ele quer os dados (disfluência) + ele quer como que ele quer e não como é e na hora de fornecer ele sonega o que pode + então é uma briga constante viu ++ serviço muito ++ maçante*

Figura 10: Digitalização da pausa inicial mista de J, destacada no exemplo 12.



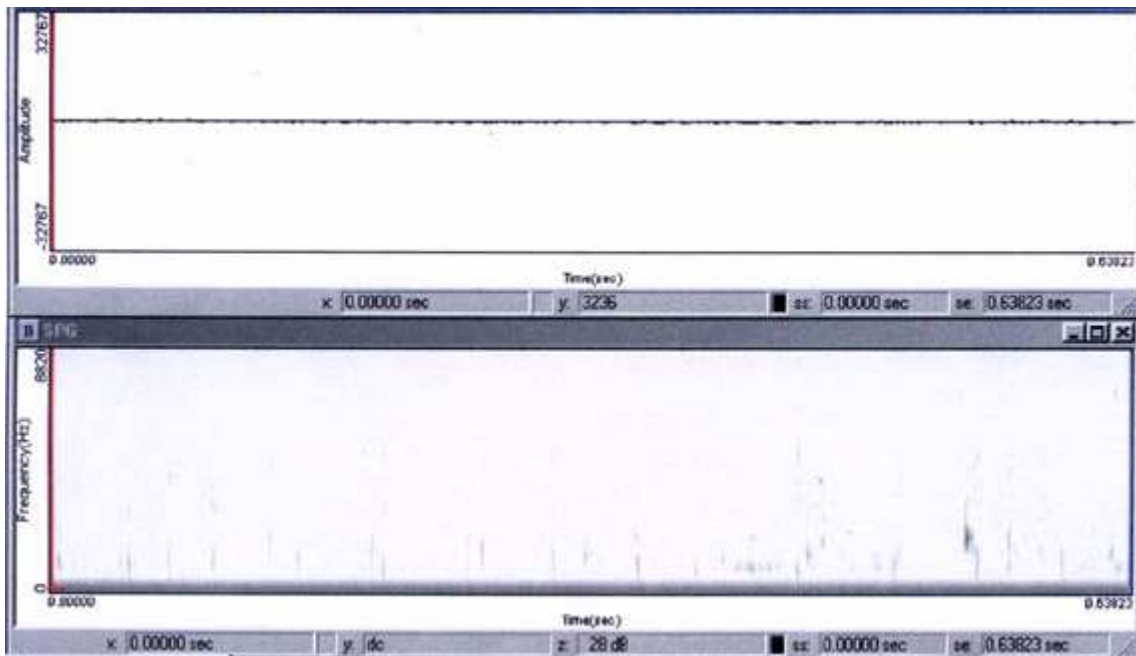
Por sua vez, as pausas silenciosas estiveram mais associadas a turnos não desenvolvidos, tanto na primeira quanto na segunda gravação, como os Exemplos 13, 14, 15 e 16 e as Figuras 11, 12, 13 e 14 abaixo nos permitem verificar:

Exemplo 13 (extraído da 1ª gravação de C): *T e C conversam sobre o nascimento da filha da Xuxa.*

T eu vi no jornal eu tava lendo o jornal outro dia tava vendo + tem uma cidade seu Célio interior de Minas + é: no mesmo dia que a menina nasceu já (tinha) cinco nomes na cidade de criança com esse nome

C (0.63) é?

Figura 11: *Digitalização da pausa inicial silenciosa de C, destacada no exemplo 13.*



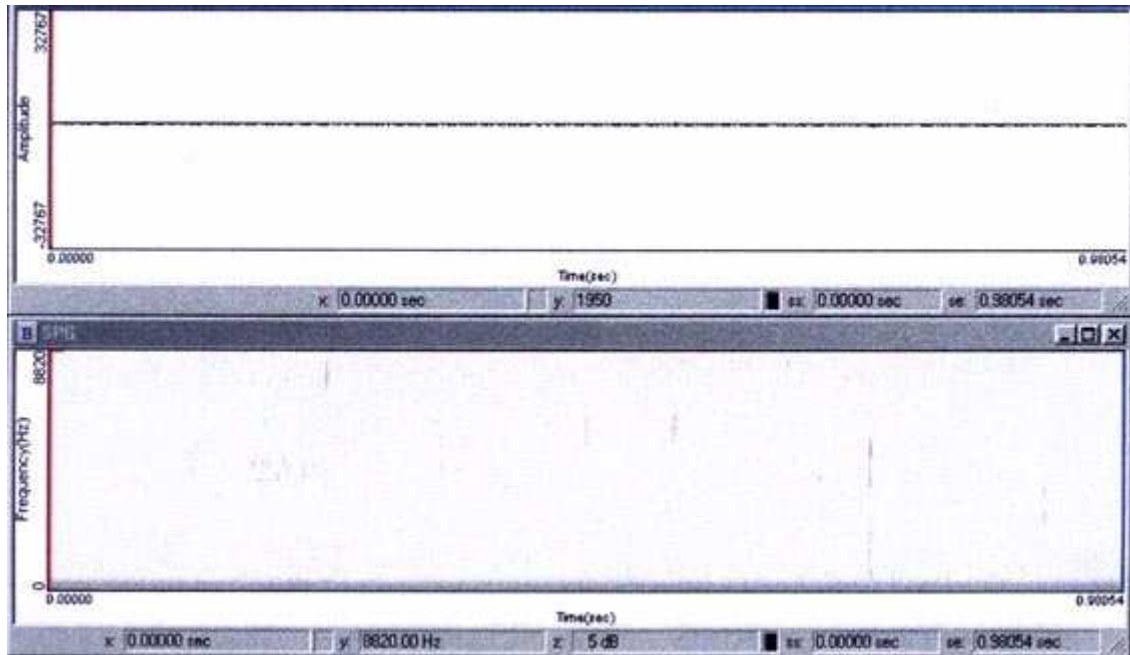
Exemplo 14 (extraído da 1ª gravação de J): *T e J conversam sobre o exercício que J realizava.*

T isso de novo

J (0.98) outra vez?

T outra vez

Figura 12: Digitalização da pausa inicial silenciosa de J, destacada no exemplo 14.

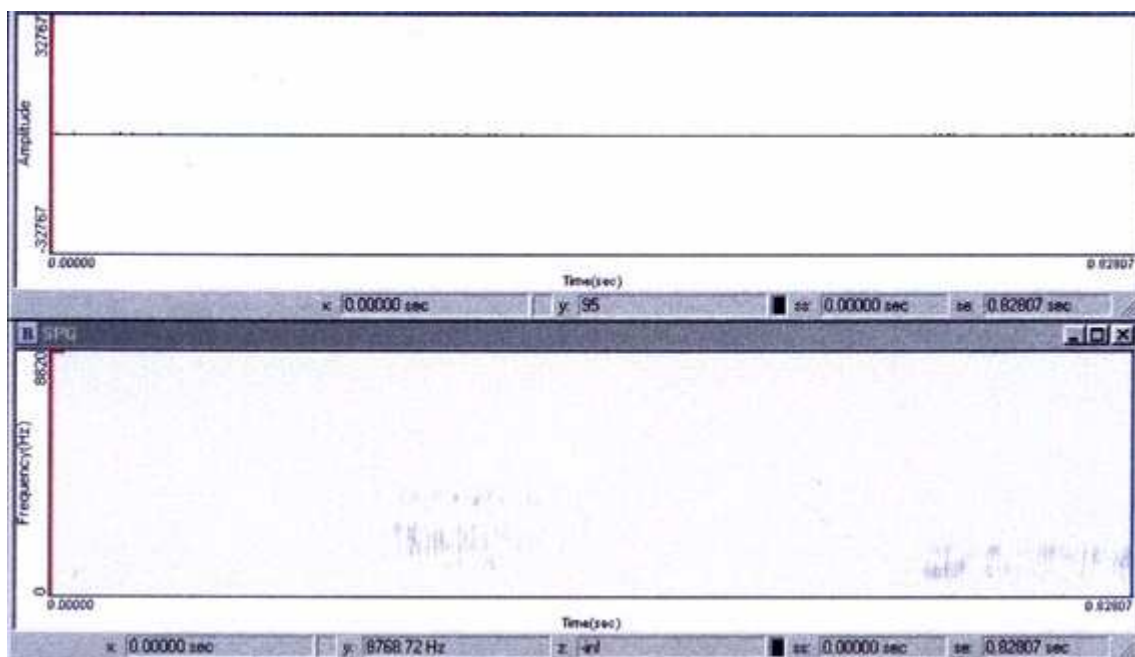


Exemplo 15 (extraído da 2ª gravação de C): *L e C conversam sobre a canção que C acabou de cantar.*

L. não mas está bonito ficou bonito o senhor cantando

C. (0.82) acha?

Figura 13: Digitalização da pausa inicial silenciosa de C, destacada no exemplo 15.



Exemplo 16 (extraído da 2ª gravação de J): *L e J conversam sobre a cidade de origem de L.*

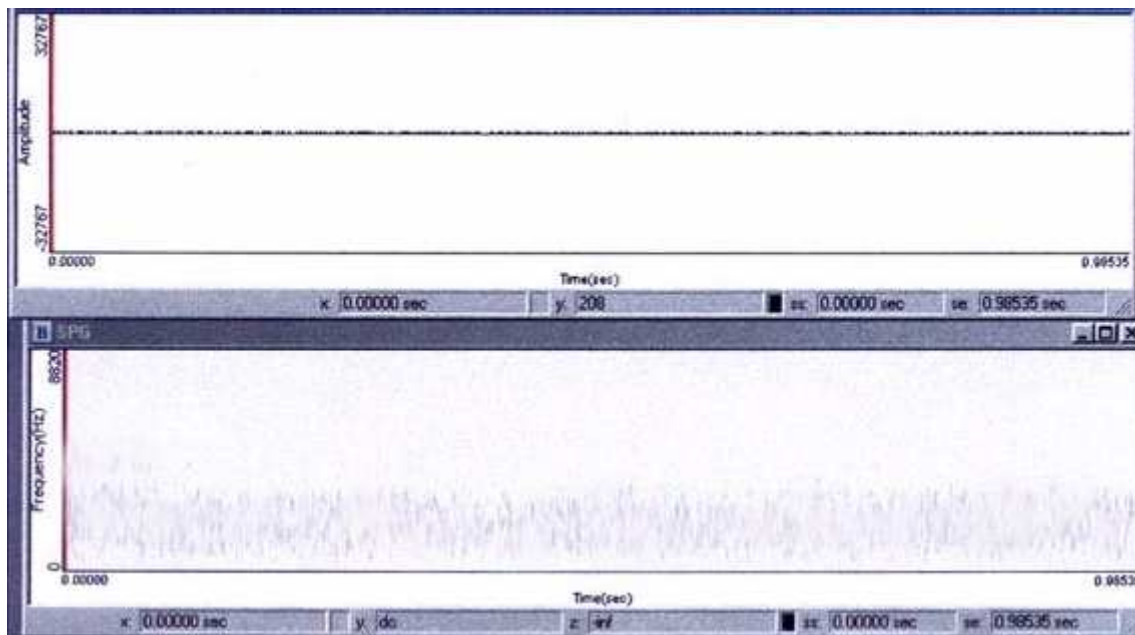
L. da onde eu sou

J. não sei

L. o Lourenço não disse?

J. + (0,98) *de onde?*

Figura 14: *Digitalização da pausa inicial silenciosa de J, destacada no exemplo 16.*



Conseqüentemente, a presença de mais pausas preenchidas e mistas associadas a turnos desenvolvidos e, inversamente, de mais pausas silenciosas associadas a turnos não desenvolvidos reforça ainda mais a hipótese de que não apenas a presença de pausas mas ainda suas características, tais como, neste caso em questão, seu preenchimento, seriam um fator constitutivo do desenvolvimento do turno.

No que se refere às mudanças na característica acústica de preenchimento das pausas que antecederam turnos desenvolvidos e não desenvolvidos dos nossos sujeitos, acreditamos que esse fato, mais uma vez, esteja ligado à correlação entre, de um lado, fatores de ordem cognitiva envolvidos na organização e no planejamento do texto conversacional e, de outro, fatores de ordem motora, tais como acinesia, rigidez e instabilidade postural (MILLER, 1986; BARBOSA, 1980), bem como dificuldades respiratórias (LIMONGI, 2001), característicos do parkinsonismo e diretamente envolvidos na linearização ou disposição temporal do fluxo de fala durante a construção do texto conversacional de nossos sujeitos.

A propósito, Beattie (1980) destaca que, como a produção da fala ocorre em fases de planejamento, se a produção da linguagem fosse suspensa até um completo planejamento semântico ser formulado, então pausas mais longas seriam necessárias para a produção da fala. Uma consequência desse fato – o aumento na duração das pausas – é que a tentativa do ouvinte de ganhar o controle da conversação tornar-se-ia mais freqüente e, provavelmente, ele teria mais sucesso. Dessa forma, para Beattie, o falante, para não perder o controle da conversação e manter o interesse do ouvinte durante a fase de planejamento semântico, redistribuiria suas pausas tornando-as mais freqüentes e curtas.

Considerando, como faz Beattie, que pausas longas facilitariam a tomada de turno pelo interlocutor e levando-se em conta o fato de que, devido à própria patologia, os sujeitos teriam uma certa dificuldade de realizar pausas mais curtas e freqüentes, uma possível explicação para o aumento de pausas preenchidas e mistas seria a de que, numa tentativa de manter o controle e a sustentação de seus turnos, os sujeitos preencheriam acusticamente suas pausas (ou seja, usariam os recursos motores de que dispõem), enquanto realizariam o planejamento de sua atividade lingüística.

Com efeito, também de modo semelhante ao que Chacon & Schulz (2002) observaram, muitas das pausas preenchidas de nossos dois sujeitos caracterizavam-se por ruídos cuja presença em sua cadeia temporal da fala poderia ser atribuída a “[...] falta de controle subglotal e laríngeo com respeito à configuração supralaríngea” (PICKETT et al, 1998, p.177)²⁴ muitas vezes verificada em parkinsonianos, e que os Exemplos 17 e 18 e as Figuras 15 e 16 abaixo permitem confirmar:

Exemplo 17 (extraído da 1ª gravação): *T explica pra C os cuidados que deve tomar depois que fraturou a costela.*

T é + mas tem que tomar cuidado esse esse piso ele é liso né seu Célio?

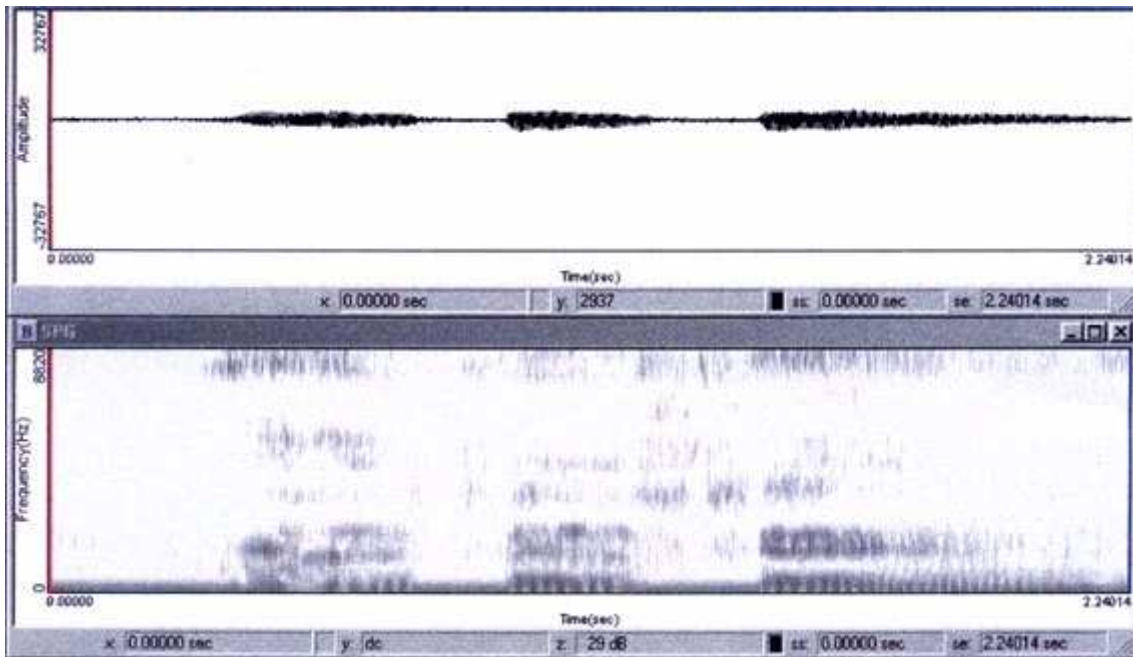
C (2.24) *u:: u::* eu uso sapato especial né? com bolinha

T [uhn]

T pra não escorregar né?

²⁴ “[...] lack of laryngeal and subglottal control with respect to supralaryngeal configuration” (PICKETT et al, 1998, p.177)

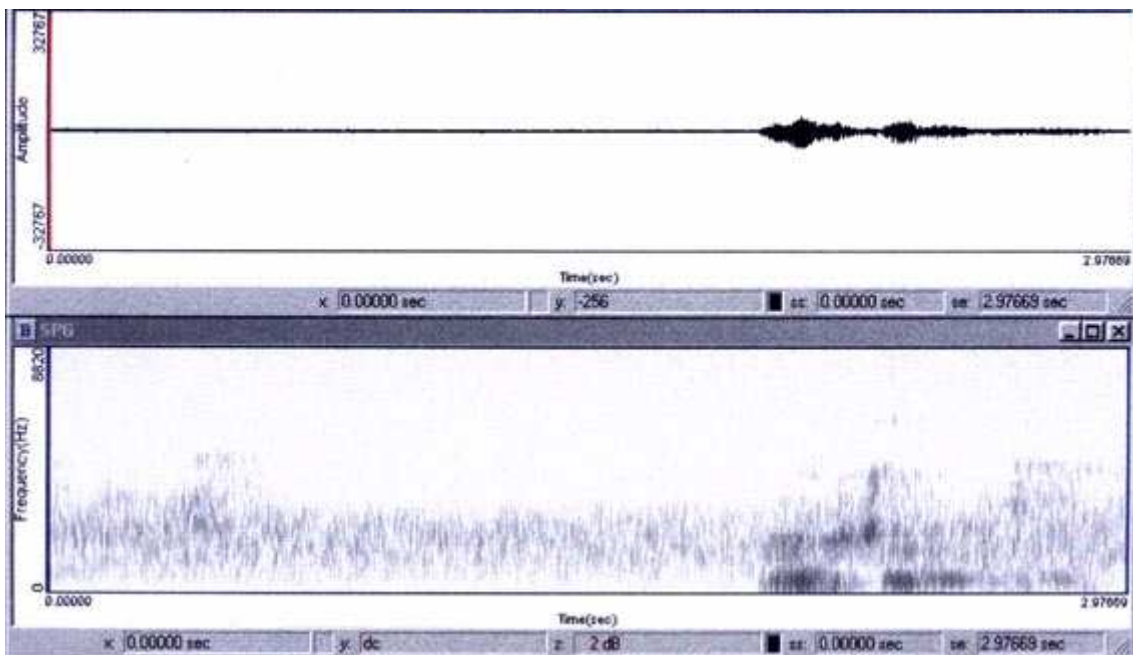
Figura 15: Digitalização da pausa inicial mista C, destacada no exemplo 17.



Exemplo 18 (extraído da 2ª gravação de J): *T e J conversam sobre a realização de exercícios.*

T. deixa o senhor não fazer as coisa direito que o senhor ver seu Jurandir vou ficar brava
J. ((vozeamento gutural)) (2.97) e::u vou esperar isso pra ver ((risos))

Figura 16: Digitalização da pausa inicial mista J, destacada no exemplo 18.



Ou seja, fatores de ordem motora (muito provavelmente resultantes de uma provável progressão da doença no que se refere à execução de movimentos de nossos sujeitos no período entre seus dois registros de conversação) não podem deixar de ser considerados para explicarmos o aumento de pausas preenchidas e mistas que constatamos. Isso porque, especialmente se levarmos em conta a literatura médica sobre a doença de Parkinson, veremos que problemas no sistema dopaminérgico no gânglio basal podem prejudicar a iniciação e o controle de movimentos (PITCAIRN, 1990).

Esse “ruído” ou “estridor” laríngeo, muitas vezes percebido apenas durante a digitalização das pausas, demonstra que onde o ouvido humano muitas vezes julga haver silêncio pode haver som e movimento. Desse modo, mesmo que muitas vezes inaudíveis, ruídos acústicos no início de turnos podem indiciar fatos como a própria tentativa de organização motora dos sujeitos para, ao mesmo tempo, responderem a seu interlocutor e desenvolverem o seu dizer, como nos mostram os Exemplos 19 e 20 e as Figuras 17 e 18 abaixo:

Exemplo 19 (extraído da 2ª gravação de C): *L e C conversam sobre a amizade entre C e J.*

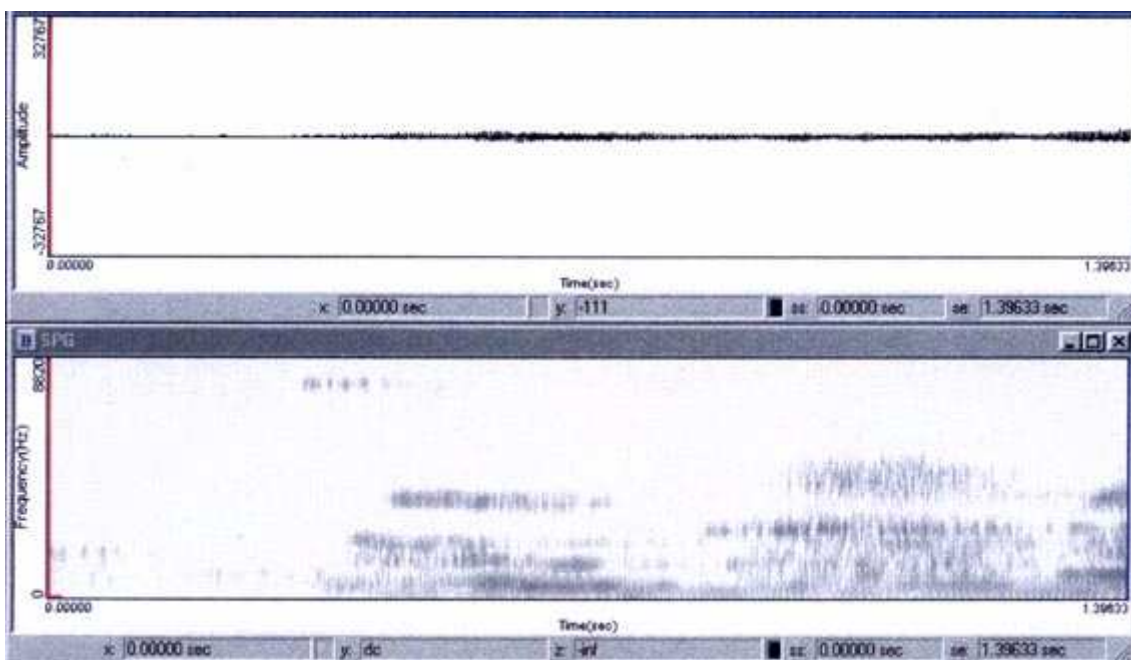
L. ele vem sempre aqui ou não?

C. *e::o:: (1.39) vem vem pouco aqui ++ ele tem:: dificuldade também de locomoção né*

L. como?

C. ele tem dificuldade de locomoção também

Figura 17: *Digitalização da pausa inicial mista de C, destacada no exemplo 19.*



Exemplo 20 (extraído da 2ª gravação de J): *J e L conversam sobre o trabalho de J no IBGE.*

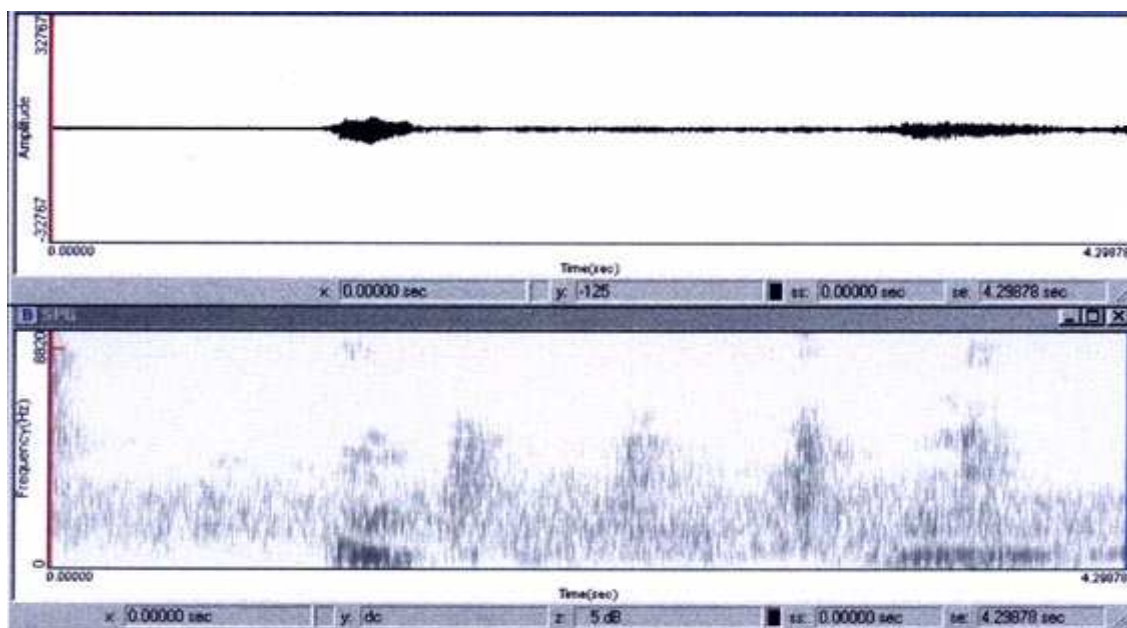
L. toda vida o senhor trabalhou lá?

J. toda vida único emprego

L. no:ssa

J. (4.29) *ái:: ih:: ((distorção)) a aposentadoria:: né + não tenho saudade*

Figura 18: *Digitalização da pausa inicial mista de J, destacada no exemplo 20.*



Estamos fazendo esta última observação em razão de um fato que vem sendo discutido na literatura sobre o parkinsonismo. Uma vez que a produção da atividade verbal supõe planejamento e controle dos movimentos envolvidos na execução de estruturas lingüísticas – fato destacado, em contextos um pouco diferentes, por Ludlow et al (1987) e por Chacon & Schulz (2000) –, e considerando que, para os parkinsonianos, “na iniciação da fala, grande esforço físico pode ser necessário para relaxar a rigidez da musculatura da fonação e da articulação” (Critchley, 1981, p. 753)²⁵, a presença, na segunda gravação, de um maior número de pausas preenchidas e mistas, bem como o aumento geral de duração das pausas, sugerem-nos, tal como já apontado por Chacon & Schulz (2000), uma integração entre a atividade motora requerida pela fala e a atividade motora global de nossos sujeitos. Com efeito, o fato de que nossos sujeitos tenham apresentado mudanças de características de suas pausas para iniciarem seus turnos (preenchendo-as e alongando-as), associado ao

²⁵ “[...] in the initiation of speech, great physical effort may be needed to release the rigidity of articulatory and phonatory musculature” (CRITCHLEY, 1981, p. 753).

agravamento de suas condições de iniciar a marcha²⁶, pode fornecer, a nosso ver, argumentos à visão de que, pelo menos para nossos dois sujeitos, “[...] o sistema esquelotomotor e o da fala partilham um controle neural comum, a despeito de diferenças biomecânicas fundamentais” (VOLKMANN, 1992, p. 386)²⁷.

Voltando à função de planejamento desempenhada pelas pausas preenchidas (e, no nosso caso, também pelas mistas) na atividade discursiva, Lallge & Cook (1969) observam que, no passado, pausas preenchidas eram consideradas como índice de distúrbios da fala – dentre eles, a ansiedade. No entanto, como podemos observar pela literatura mais recente, outros fatos relacionados às pausas preenchidas podem ser observados, especialmente o fato de sua participação na manutenção do controle da conversação por parte do sujeito enquanto organiza seu pensamento.

Além disso, Cook (1969) observa, em seu estudo sobre a probabilidade de transição e a incidência de pausas preenchidas, que a ocorrência desse tipo de pausa se dá em alguns pontos de decisão, isto é, quando o locutor está procurando uma palavra particularmente difícil. O autor aponta também a necessidade de se realizarem mais estudos que correlacionem as pausas preenchidas com a complexidade gramatical e dificuldades relacionadas ao tópico – necessidade que as características deste nosso estudo reforçam, na medida em que vimos correlacionando o preenchimento (ou não) de pausas apenas ao desenvolvimento (ou não) de turnos conversacionais, deixando de lado outros fatores conversacionais certamente envolvidos nessa correlação.

4.1.2 Correlação entre características gerais das pausas e atividade enunciativa dos sujeitos

Um outro aspecto que acreditamos estar vinculado, às semelhanças no modo como as pausas ocorreram na atividade verbal de nossos sujeitos é o enunciativo, na medida em que as pausas marcariam, na atividade discursiva dos sujeitos, suas preocupações com fatos ligados à intersubjetividade na enunciação. Embora a literatura a que tivemos acesso não faça considerações específicas a esse respeito, acreditamos poder ver, em determinadas considerações dos autores, fatos que poderíamos explicar como sendo de ordem enunciativa.

²⁶ O agravamento das condições motoras para a marcha em nossos dois sujeitos está registrado em seus prontuários no CEES/Unesp.

²⁷ “[...] speech and skelotomotor systems share common neural control despite fundamental biomechanical differences” (VOLKMANN, 1992, p. 386).

Scliar-Cabral e Rodrigues (1994), por exemplo, ressaltam que, ligadas ao turno, as pausas possibilitariam a retroalimentação do interlocutor, de modo a mantê-lo preso ao discurso. Já Brito (1994) aponta que, além de ser um recurso lingüístico de natureza cognitiva, a pausa teria uma natureza interacional, pois sua realização requereria a participação mútua de ambos os interlocutores. Desse modo, segundo Brito, esse aspecto interacional deveria não apenas ser levado em consideração, mas, sobretudo, ser visto tanto do ponto de vista do falante quanto do ouvinte.

Ainda a respeito do que estamos interpretando como vínculos entre a presença de pausas e fatos de ordem enunciativa, Butterworth (1980) e Beattie (1980) consideram que pausas em posição inicial teriam uma função primariamente social. Nos casos de pausas não preenchidas, estas permitiriam um tempo maior para a decodificação pelo ouvinte e, nos casos de pausas preenchidas, estas serviriam para prevenir a interrupção do ouvinte no turno do falante.

Os Exemplos 21 e 22, bem como as Figuras 19 e 20, logo abaixo, ilustram bem a função social da pausa destacada por Butterworth (1980) e por Beattie (1980), já que, como poderemos observar, além de uma duração maior, o sujeito preenche a pausa (destacada em itálico nos exemplos) como se estivesse tentando pedir ao interlocutor que aguardasse um instante até “superar sua dificuldade inicial”:

Exemplo 21 (extraído da 2ª gravação de C): *T e C conversam sobre a infância de C.*

L. e o senhor quando criança? o senhor se lembra das coisas que o senhor fazia ou não?

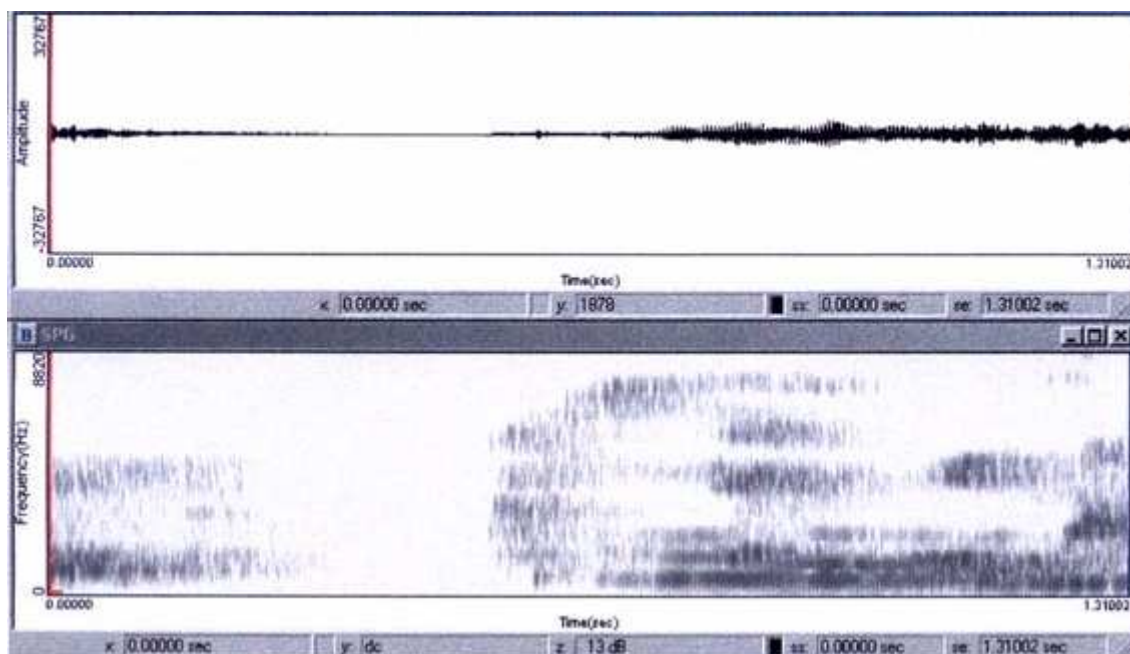
J. [o vô o Vi já foi trocá de roupa já]

C. (1.31) ((vozeamento gutural)) eu morei ++ eu morei eu morei na:: ++ numa casa ++ que era em frente um clube esportivo em Jundiaí ++ isso::: provocou + minha aptidão para o

L. [em Jundiaí?]

ginásio de esporte não que eu seja craque + eu era estrela um pouco estrela + e essa casa era de frente um clube a gente passava o dia inteiro de calção ++ nadando jogando basquete jogando vôlei ++ e::: me dei bem em alguns esportes né? + depois fui para escola mi: militar ++ e::: me dei bem no esporte ++

Figura 19: Digitalização da pausa inicial mista de C destacada no exemplo 21.



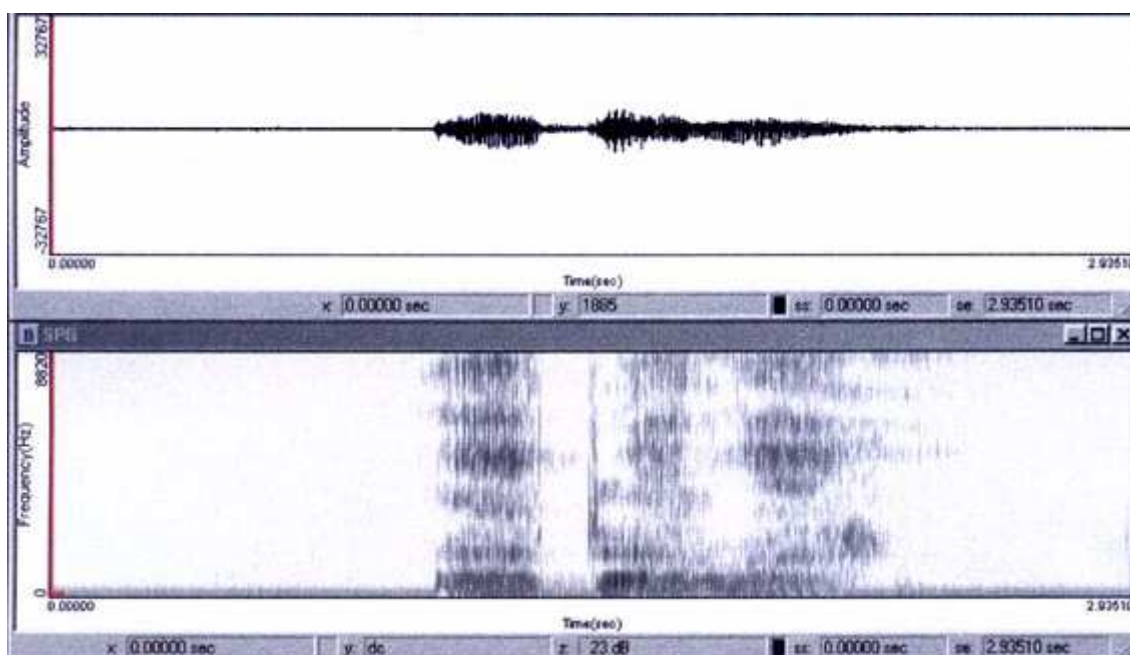
Exemplo 22 (extraído da 1ª gravação de J): *T e J conversam sobre um tombo de J.*

T ah é? + no::ssa

J [(risos)]

J (2.93) ((vozeamento gutural)) a:: a:: calçada perigosa viu?

Figura 20: Digitalização da pausa inicial mista de J destacada no exemplo 22.



Assim, o funcionamento dessas pausas pode ser interpretado como resultante de uma condição de enunciação talvez mais característica da doença de Parkinson na qual nossos sujeitos marcam, por meio de preenchimento acústico e do aumento da duração, sua *compreensão responsiva ativa* – no sentido de Bahktin (1992) – em relação ao enunciado de seu interlocutor. Ao se marcarem, pois, por meio de pausas com tais propriedades acústicas, os sujeitos participam ativamente do discurso do outro. Portanto, ainda de acordo com Bahktin, a *compreensão responsiva ativa* que nossos sujeitos, enquanto ouvintes, têm de um enunciado vivo é acompanhada dessa sua *atitude responsiva*, que torna toda compreensão prene de resposta, na medida em que, ao passarem à condição de locutores, eles marcam essa passagem (também) pelo uso mais peculiar que fazem das pausas (a saber, com preenchimento e com maior duração).

Desse modo, se atribuirmos um estatuto enunciativo ao funcionamento das pausas na atividade verbal de nossos sujeitos, é possível afirmar que, por meio delas e por meio de suas propriedades acústicas, eles se posicionam como interlocutores e não como mero repetidores de sentenças (posição na qual os procedimentos tradicionais de avaliação certamente os colocariam).

4.2 – Funcionamento das pausas mais específicos a cada um dos sujeitos

Até este momento de nossa discussão, apresentamos características do funcionamento das pausas que acreditamos serem mais gerais para os sujeitos C e J. No entanto, a análise dos dados permitiu verificar também que o funcionamento das pausas para esses mesmos sujeitos pode ter sua especificidade, ou seja, pode apresentar características particulares.

Como vimos no Capítulo 3 (cf., especialmente, Quadro 03 e Gráficos 04 e 05), tanto C quanto J seguiram uma tendência de diminuição de seus turnos desenvolvidos e de aumento dos seus turnos não desenvolvidos na segunda gravação.

Se considerássemos apenas esse fato, de modo isolado, poderíamos pensar que ele aponta para uma piora das condições de desempenho verbal de nossos dois sujeitos²⁸, já que turnos mais desenvolvidos exigiriam deles um maior trabalho de coordenação entre funções motoras e aspectos cognitivos da linguagem.

²⁸ Principalmente para o sujeito J, que apresentou um valor percentual maior de diminuição de turnos desenvolvidos, em torno de 10%, em relação a C, que apresentou o valor de 07%.

No entanto, quando correlacionamos os turnos desenvolvidos e não desenvolvidos com a frequência de pausas que antecedem esses turnos na primeira e na segunda gravação, notamos uma diferença entre os sujeitos. Na análise dos dados, verificamos que o sujeito C apresentou um aumento, na segunda gravação, de seus turnos desenvolvidos com pausa da ordem de 06%, e uma diminuição de seus turnos desenvolvidos sem pausa também da ordem de 06%. Já o sujeito J apresentou uma tendência oposta, ou seja, observamos uma diminuição de seus turnos desenvolvidos com pausas da ordem de 13%, e um aumento de seus turnos desenvolvidos sem pausa também da ordem de 13%.

Essa correlação em sentido oposto nos permitiria levantar duas hipóteses: a primeira apontaria para uma diferença intersujeitos; a segunda, estreitamente relacionada à primeira, sinalizaria uma maior progressão da doença no sujeito C do que no sujeito J – ou mesmo uma melhora do quadro clínico deste último sujeito J, na medida em que ele precisaria de menos pausas iniciais para desenvolver seus turnos.

Mas, como vimos na seção anterior desta nossa discussão dos dados, para que possamos compreender melhor o funcionamento da pausa na atividade discursiva desses sujeitos, precisamos analisar de que modo não apenas a frequência mas também as outras características das pausas, como duração e preenchimento, estariam relacionadas ao desenvolvimento de turnos discursivos desses sujeitos nos seus diferentes registros.

Com efeito, no que diz respeito à duração e retomando dados expostos no Quadro 07 do Capítulo 3, é possível observar que o sujeito C, em sua primeira gravação, utiliza muitas pausas breves (55%) no início de seus turnos desenvolvidos e poucas pausas médias e longas, que, juntas, somavam 45%. Já o sujeito J utilizava 36% de pausas breves nesse mesmo tipo de turnos, e muitas pausas médias e longas, que, juntas, somavam 64%. Já na segunda gravação, o sujeito C passou a iniciar seus turnos desenvolvidos principalmente por pausas médias e longas (73% no total desses dois tipos), e o sujeito J, que já utilizava muitas pausas médias e longas iniciando seus turnos, aumentou sua incidência para 81%. Como se pode observar, a diferença de duração de pausas entre os dois sujeitos foi mais distanciada na primeira gravação (19%) do que na segunda (8%).

Por sua vez, no que se refere ao preenchimento e retomando os dados expostos no Quadro 10 do Capítulo 3, é possível observar que, na primeira gravação, 84% das pausas iniciais de turnos desenvolvidos por C eram silenciosas e 16% eram preenchidas e mistas. Em J, esses percentuais eram, respectivamente, de 93% e 07%. Já na segunda gravação, os percentuais de C eram de 68% de pausas silenciosas e 32% de pausas preenchidas e mistas. Para J, esses valores eram, respectivamente, 83% e 17%. Como se pode observar, as

diferenças de valores de cada sujeito são maiores para C (16% de diminuição de pausas silenciosas e o conseqüente aumento de 16% de preenchidas e mistas) do que para J (10%).

Portanto, esses dados permitem afirmar que houve, sim, progressão da doença, nos dois sujeitos, e que a pausa pode ser um elemento que possibilita indiciar essa progressão. Contudo, também vimos que essa progressão não foi igual para C e J – fato que as características acústicas de duração e de preenchimento parecem demonstrar. Como vimos, o “salto” nessa progressão foi maior no sujeito C, que, num período de um ano e oito meses, apresentou mudanças consideráveis de duração e de preenchimento de suas pausas. Já essa mesma progressão em J, levando-se em consideração o mesmo período de tempo e as mesmas características das pausas, deu-se de modo que poderíamos entender como mais lentificado.

No entanto, na medida em que atribuímos um estatuto enunciativo ao funcionamento das pausas na atividade verbal de nossos sujeitos, outras considerações poderiam ser feitas a respeito das diferenças que apontamos entre ambos.

Assim sendo, o fato de o sujeito C apresentar, desde a primeira gravação, um maior percentual de pausas preenchidas e mistas do que o sujeito J (cf. Quadro 09, no Capítulo 3), além de indiciar dificuldades motoras mais acentuadas, pode também estar relacionado a uma questão de estilo individual, como apontado em estudo desenvolvido por Goldman-Eisler (1961). Com efeito, nesse estudo, a autora observa que pausas preenchidas e não preenchidas parecem ser uma questão de diferenças individuais e que “[...] a ‘preferência’ relativa por fenômenos hesitativos de diversos tipos parece ser um aspecto de estilo individual de falar” (p.18)²⁹. No entanto, gostaríamos de frisar que um possível vínculo entre a maior ocorrência de pausas preenchidas e estilo individual no sujeito C só poderia ser mais consistentemente afirmado se pudéssemos ter tido acesso a mais registros de conversação desse sujeito, sobretudo antes de sua condição de parkinsoniano. Mesmo assim, pelo menos a título de sugestão, consideramos como relevante levantar essa suposição para explicar a diferença percentual de pausas preenchidas e mistas que detectamos entre o sujeito C e o sujeito J.

4.3 – A título de conclusão

Durante a análise de nossos dados, pudemos observar a importância de discutirmos as relações sugeridas, no Capítulo 3, entre, de um lado, frequência, duração e preenchimento de

²⁹ “[...] the relative ‘preference’ for hesitation phenomena of different types seems to be an aspect of individual style of speaking” (GOLDMAN-EISLER, 1961, p.18).

pausas e, de outro, desenvolvimento ou não de turnos conversacionais. Vimos que fatores de ordem motora, cognitiva, conversacional e enunciativa parecem atuar no funcionamento das pausas iniciais de turnos de nossos sujeitos parkinsonianos, fato que confirma resultados a que chegou Zaniboni (2001). Dentro dos limites deste nosso estudo, porém, nossos resultados permitem afirmar que esses fatores não atuam do modo dissociado – embora não desconsideremos a possibilidade de que alguns deles possam predominar em determinados momentos da atividade verbal de nossos sujeitos. O mais provável, a nosso ver, é que **diferentes conjunções** entre esses fatores estariam envolvidas na ocorrência das pausas de nossos sujeitos (estudos com limites menos restritos do que o nosso certamente teriam condições de demonstrá-las).

Desse modo, a relação que estabelecemos entre o funcionamento das pausas e fatores de ordem motora, cognitiva, conversacional e enunciativa em nosso estudo confirma a perspectiva que assumimos inicialmente, ou seja, a de que o funcionamento cerebral só pode ser entendido do ponto de vista das relações sistêmicas e dinâmicas e o funcionamento da linguagem como um processo social de construção de sentidos no qual fala/cognição/aspectos motores e simbólicos se acham integrados.

Além disso, é fundamental destacarmos que os processos verificados em nossos sujeitos em relação ao funcionamento de suas pausas são processos descritos não exatamente na literatura especializada sobre o parkinsonismo, mas na literatura geral sobre a atividade verbal. Conseqüentemente, o que vimos acontecer entre a primeira e a segunda sessão de registro de nossos dois sujeitos foi um ralentamento (maior para C e menor para J) não só de processos já existentes em sua atividade verbal, mas, sobretudo, de processos existentes e já previstos pela **língua**, enquanto condição de possibilidade da atividade discursiva.

Assim, as correlações que fizemos entre, de um lado, frequência, duração e preenchimento de pausas e, de outro, desenvolvimento ou não de turnos conversacionais em nossos sujeitos evocam funcionamentos verificados não apenas em nossos sujeitos, em seu primeiro registro, mas, especialmente, **em qualquer atividade verbal**. Provavelmente, as diferenças que verificamos entre a primeira e a segunda gravação de nossos sujeitos sejam devidas, fundamentalmente, a diferentes modos como questões de ordem motora, cognitiva, conversacional e enunciativa apareceram relacionadas nesses dois diferentes momentos.

No entanto, não deixaremos de considerar a possibilidade de, nas pausas, seus aspectos acústicos de preenchimento (quando preenchidas e mistas) e de duração (quando médias e longas) estarem correlacionados com dificuldades de memória apresentadas por nossos sujeitos, seja em função da doença, seja, ainda, em função da ação medicamentosa. No

entanto, para não se construírem vínculos mais diretos entre essas características das pausas no segundo registro de nossos sujeitos e problemas de memória e/ou efeitos de medicamento, dois fatos devem ser ressaltados: (1) o papel de processamento cognitivo atribuído à pausa ocorre em qualquer sujeito, seja ele parkinsoniano ou não; (2) pelo menos nos limites deste nosso estudo, não nos parece ser facilmente possível determinar em que momentos ou em que proporções uma dificuldade de memória pode estar envolvida ou não no preenchimento e na duração das pausas.

Em alguns momentos de nossas gravações, os próprios sujeitos enunciaram essa dificuldade³⁰ e o fizeram associando sua enunciação a pausas com pelo menos uma das características acústicas que apontamos, como nos mostram os exemplos abaixo:

Exemplo 23 (extraído da 2ª gravação de C): *L e C estão conversando sobre o local de residência de L.*

L. não eu sou Lilian

C. preciso falar umas duas três vezes pra lembrar

L. Li-lian

C. + (1.69) (vocês::) mora aqui em Marília?

L. não ô seu Célio eu moro em São José do Rio Preto + lembra que eu falei pro

C. [ah:]

senhor? + eu moro em São José do Rio Preto (...)

C. [ah:] [eu tenho uma memória horrível viu?

L. tem?

C. + (1.20) *pra certas coisas eu sou bom agora outras coisa ++ passado da família isso aí eu sou bom ++ (mas as coisa recente) não dá certo não*

L. não?

C. não

L. lembra eu sou de São José do Rio Preto e estudei aqui em Marília ++ mas eu voltei pra lá o senhor conhece lá ou não?

C. conheço

L. conhece?

C. conheço

L. que que o senhor foi fazer por lá?

C. (1.33) *nós estamos falando de que cidade mesmo?*

L. São José do Rio Preto

³⁰ Ao enunciarem suas dificuldades de memória, nossos sujeitos, de algum modo, acabam por confirmar a literatura especializada, que as aponta justamente como um dos sintomas da doença de Parkinson – cf, por exemplo, Limongi (2001).

Figura 21: Digitalização da 1ª pausa inicial de C destacada no exemplo 23.

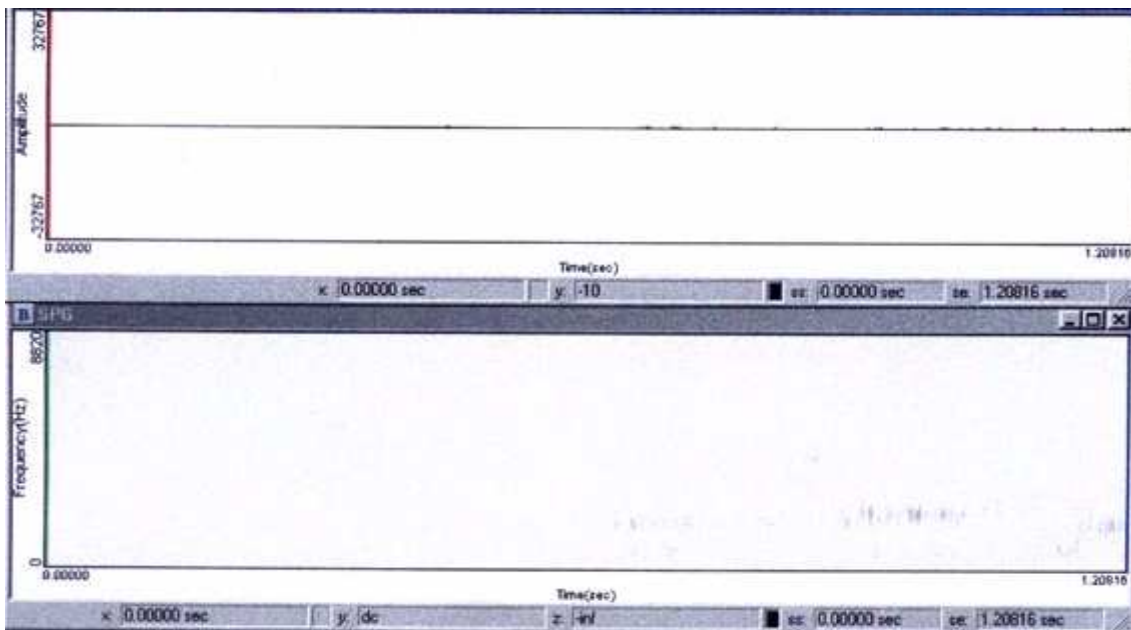
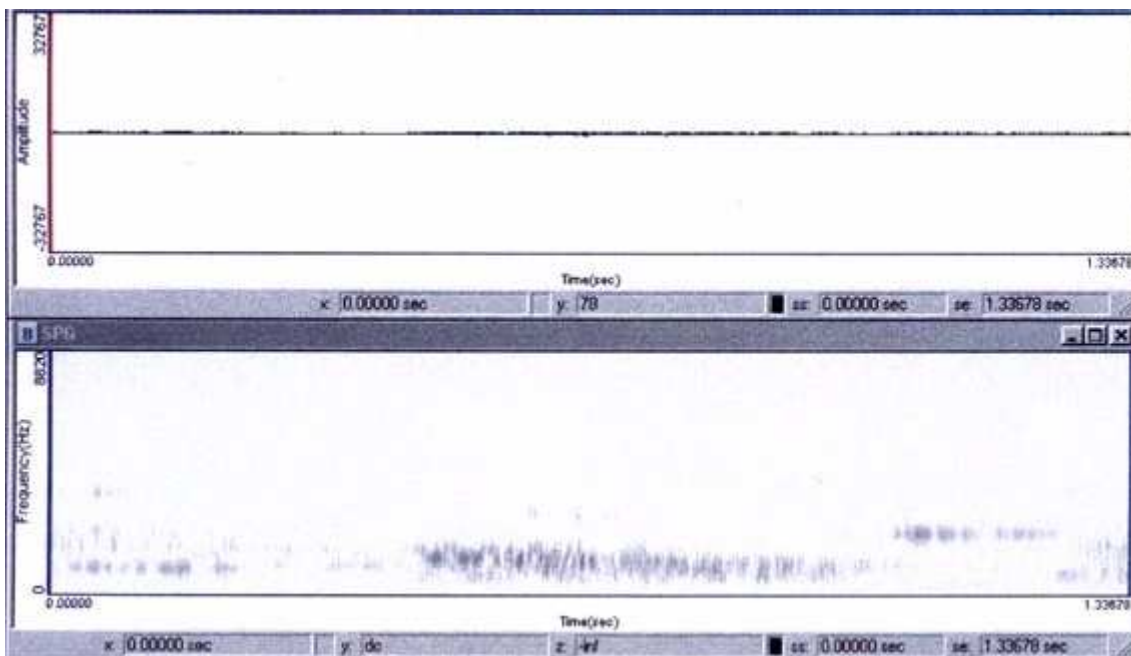


Figura 22: Digitalização da 2ª pausa inicial de C destacada no exemplo 23.



Exemplo 24 (extraído da 1ª gravação de J): *T e J estão conversando sobre um exercício.*

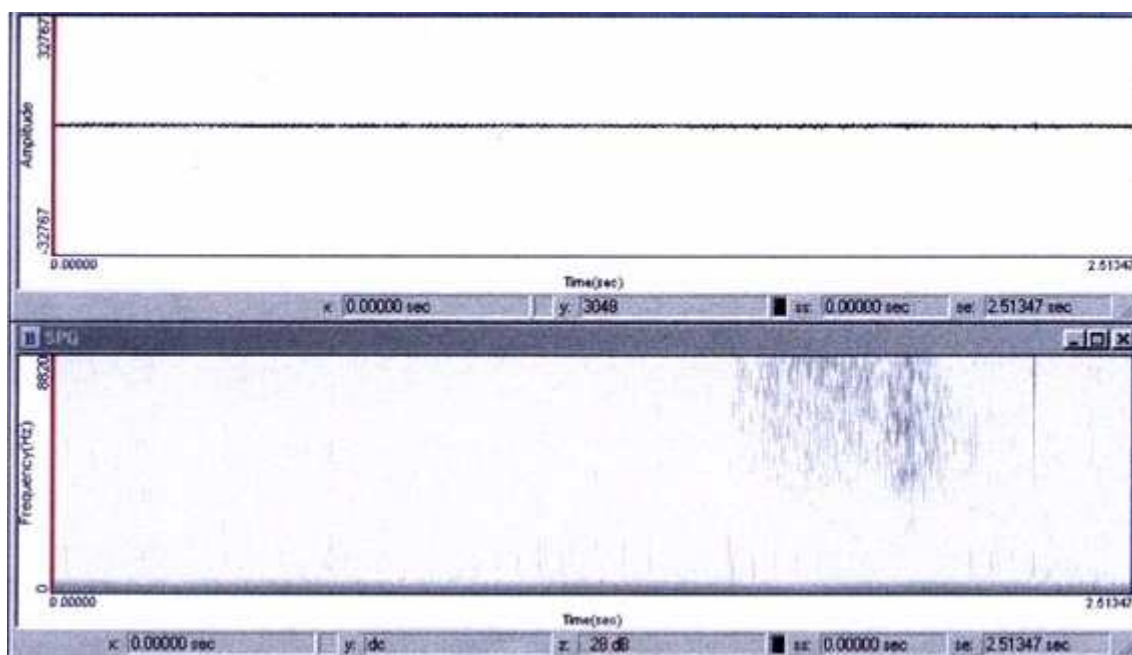
T nã:o? + do passarinho eu já tinha ouvido falar também

J (2.5) *mesmo porque:: Daniela + eu estou +estou com a memória muito ruim viu?*

T a mas está melhor que a minha

J não ((risos) não está (não) ((risos))

Figura 23: *Digitalização da pausa inicial de J, destacada no exemplo 24.*



De qualquer modo, seja em razão de dificuldades de memória, seja em razão de dificuldades que envolvem vínculos entre o planejamento e a formulação de turnos e sua execução motora, as mudanças que observamos nas características acústicas das pausas iniciais da primeira para a segunda gravação de nossos sujeitos sugerem-nos, lingüisticamente, uma dificuldade predominante no eixo de seleção do dizer (Jakobson, 1995)³¹, ou seja, é difícil para o sujeito começar um enunciado ou um diálogo, e nesse caso, o aumento da duração e o preenchimento das pausas iniciais seriam mecanismos facilitadores desse processo de seleção. É importante lembrar também que o eixo de seleção de Jakobson retoma o eixo associativo de Saussure (1975), para quem os elementos verbais apresentam relações muito diversas na memória.

³¹ Para Jakobson (1995), todo signo lingüístico pode ser arranjado de duas formas: a) a combinação, na qual as unidades lingüísticas podem ser agrupadas ou combinadas na cadeia linear da fala; e b) seleção, na qual termos alternativos implicam a possibilidade de substituir um pelo outro, equivalente ao primeiro num aspecto e diferente em outro.

No que se refere à relação entre pausas e o eixo associativo, um dos poucos estudos que encontramos que parece estar de acordo com essa relação é aquele desenvolvido por Goldman-Eisler (1958). Nesse estudo, a autora levanta a hipótese de que as pausas na fala parecem ser “uma manifestação do bloqueio mais geral da atividade que ocorre quando os organismos são confrontados com situações de incerteza, ou seja, quando a seleção do passo seguinte requer um ato de escolha” (p. 96)³². Para essa mesma autora, a ocorrência da pausa estaria correlacionada com a menor previsibilidade de ocorrência de uma palavra num determinado contexto, dessa forma, quanto maior a liberdade de escolha do falante, num determinado contexto, maior a possibilidade de ocorrência da pausa, e ainda, maior seria a duração dessa pausa.

Outra aproximação que podemos realizar entre o estudo de Jakobson (1955) sobre o eixo associativo da fala e o estudo de Goldman-Eisler (1958) sobre a pausa refere-se ao contexto no qual, para os autores, tanto a fala quanto a pausa ocorrem. Para Jakobson, uma dificuldade no eixo de seleção aumenta quanto mais o enunciado depender do contexto, da mesma forma, para Goldman-Eisler, quanto maior a liberdade de escolha do falante, num determinado contexto, maior a possibilidade de ocorrência da pausa. Deste modo, o funcionamento da pausa (sua ocorrência, duração e grau de preenchimento) tem uma relação muito estreita tanto com a posição em que ocorre no enunciado (inicial, limite de constituintes etc) quanto com o contexto em que ela aparece nesse enunciado³³.

Para finalizar nossa discussão, retomaremos cada um dos objetivos propostos em nossa Introdução (seção 1.3), para responder se cumprimos ou não cada um deles.

Nosso **primeiro** objetivo foi avaliar se a comparação entre registros de conversação de sujeitos parkinsonianos, com um intervalo significativo de tempo entre eles, mostraria modificações no modo como as pausas iniciais ocorrem no discurso desses sujeitos.

A análise dos nossos dados mostrou que sim, que o intervalo de tempo de um ano e oito meses foi significativo para que pudéssemos observar tais mudanças de ocorrência. Como vimos, observamos mudanças tanto em aspectos como a duração das pausas, já que os sujeitos

³² “[...] seemed therefore to be one manifestation of the more general blocking of activity which occurs when organisms are confronted with situations of uncertainty, i.e. when the selection of the next step requires an act of choice” (GOLDMAN-EISLER, 1958, p. 96).

³³ Num dos poucos estudos sobre o funcionamento da pausa na atividade discursiva de sujeitos parkinsonianos, Zaniboni (2001) verificou que a incidência de pausas iniciais, com maior duração e maior grau de preenchimento, é maior nos pares dialógicos que exigem processos verbais mais elaborados. A autora verificou que, em pares dialógicos na sua forma fechada (que exigem uma resposta estruturada com o uso de sim/não), a ocorrência das pausas é menor, bem como sua duração e seu preenchimento. Este estudo mostra a importância de analisarmos o funcionamento da pausa no contexto em que essa pausa ocorre.

passaram a utilizar menos pausas breves e mais pausas médias e longas em sua atividade verbal, quanto em aspectos como o preenchimento das pausas, na medida em que os sujeitos diminuíram o uso de pausas silenciosas e aumentaram o uso de pausas preenchidas e mistas.

Quanto ao nosso **segundo** objetivo, a saber, no caso de haver modificações nessas ocorrências, seria possível identificar quais aspectos da linguagem estariam envolvidos nessas modificações, pudemos observar que aspectos da linguagem de ordem motora, cognitiva, conversacional e enunciativa parecem estar envolvidos na mudança de funcionamento das pausas em início de turnos de nossos sujeitos parkinsonianos. Destaque-se que, de acordo com a visão não dicotomizante da linguagem que assumimos, procuramos mostrar que esse aspectos se relacionaram de modos diferentes na primeira e na segunda gravação

Nosso **terceiro** objetivo foi o de, no caso de haver modificações e sabendo-se que a doença de Parkinson é uma doença degenerativa, identificar se essa modificação no uso das pausas iniciais estaria ligada a uma possível progressão da doença. Durante a análise e discussão dos dados, levantamos a hipótese de que a mudança nas características das pausas não só podia estar relacionada ao aumento de dificuldades motoras e cognitivas que nossos sujeitos vivenciaram com o decorrer do tempo, como também podia indiciar que essa progressão da doença de Parkinson vinha se dando de modo particular a cada um de nossos sujeitos.

Finalmente, nosso **quarto** objetivo foi propor uma mudança na metodologia utilizada pela maioria dos estudos sobre a doença de Parkinson, buscando, por meio de registros de conversa espontânea, um enfoque interacionista e discursivo para os problemas verbais de sujeitos parkinsonianos. Acreditamos que foi justamente a mudança metodológica realizada em nosso estudo que nos possibilitou observar a linguagem em seu funcionamento e compreender um pouco mais sobre o papel das pausas no processo de construção e reconstrução da linguagem desses sujeitos.

Também essa mudança metodológica possibilitou-nos tematizar a desconstrução das dissociações criadas nos estudos sobre a doença de Parkinson pela metodologia tradicional – que, como destacamos, faz uso de repetição e de leitura de palavras, de frases e de textos curtos para a avaliação de linguagem de parkinsonianos. Dessa forma, pudemos observar, em nossos dados, correlações entre aspectos motores, cognitivos, conversacionais e enunciativos da linguagem, que só foram aprendidas, repetimos, especialmente porque enfocá-los na perspectiva das relações e não das dissociações abriu-nos a possibilidade de captá-los em situações reais de atividade verbal. Concordamos, pois, com Coudry (1996), na medida em

que essa autora destaca que é outra a abordagem que se tem dos fatos patológicos quando se tem outra concepção de linguagem:

Avaliar o processo de significação em vez de partes do código ou tipos de comportamento verbal não quer dizer imprecisão só porque o resultado da análise não são números, tabelas, tipos. Quer dizer, antes, procedimentos heurísticos orientados por princípios teóricos que tratam a linguagem como atividade significativa e, portanto, o que está em questão são *processos de significação* alterados ou não e não *comportamentos* verbais (p.186, grifos da autora).

5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciamos este estudo destacando as principais manifestações clínicas da doença de Parkinson (tais como descritas pela literatura especializada) e as contribuições dos estudos lingüísticos para se repensarem concepções embutidas nesse tipo de literatura – que, como observamos por diversas vezes, dissocia fatos como linguagem/cognição, linguagem/fala, aspectos motores/aspectos simbólicos da linguagem e, ainda, as diversas áreas da atividade cerebral.

Retomaremos brevemente cada uma dessas dissociações e, ao mesmo tempo, destacaremos como nosso estudo sobre o funcionamento das pausas na atividade verbal de parkinsonianos pode contribuir para a desconstrução dessas dissociações.

Como vimos no Capítulo 1, autores como Barbosa et al (1987), Karel et al (1996) e Limongi (2001) referem-se a dificuldades cognitivas de parkinsonianos principalmente como resultantes de alterações, de fundo orgânico, na memória. No entanto, como procuramos demonstrar, não é possível desvincular cognição de linguagem nem muito menos reduzir o aspecto cognitivo da linguagem a uma alteração do funcionamento cerebral.

Com efeito, pudemos verificar que a modificação nas características de duração e de preenchimento das pausas, da primeira para a segunda sessão de registro, estava relacionada a processos cognitivos tais como o planejamento e a elaboração da atividade verbal. Fato que, a nosso ver, reforça essa relação foi o de que a maioria das pausas médias e longas, assim como de pausas preenchidas e mistas, antecedia principalmente turnos desenvolvidos, ou seja, turnos que exigiam processos verbais mais elaborados. Certamente em nenhum momento nos esquecemos de que os parkinsonianos apresentam, em função da rigidez, dificuldades para iniciar a fala e de que uma piora nesse aspecto motor evidentemente também pode ser correlacionada com o aumento encontrado na duração e no preenchimento das pausas. Nossa diferença em relação à literatura especializada, contudo, é que entendemos que a mudança nas características acústicas de duração e de preenchimento das pausas relaciona-se tanto aos processos cognitivos de planejamento e elaboração, quanto ao aspecto motor da produção da atividade verbal, de tal forma que não vemos como dissociá-los.

Outra dissociação observada nos autores que estudam as dificuldades verbais na doença de Parkinson é aquela entre linguagem/fala. Notamos que essa dissociação tem sua base na redução da complexidade da linguagem a um código verbal, desvinculado dos processos (inclusive os de ordem motora) envolvidos em sua produção, tal como se pode ver em trabalhos como os de Darkins, Fromkin & Benson (1988), Critchley (1981), Pitcairn et al

(1990) e Pell (1996). Daí, decorre outra dissociação, aquela entre aspectos motores e aspectos simbólicos da linguagem. Como vimos, trata-se, na verdade, de duas dicotomias imbricadas, já que a dicotomia entre o que se denomina como linguagem e como fala indicia outra maior, aquela entre os aspectos motores e os aspectos simbólicos da linguagem.

No entanto, a análise de nossos dados permitiu-nos observar que, além dos aspectos motores envolvidos na mudança das características de duração e de preenchimento das pausas, aspectos como os de ordem conversacional, cognitiva e enunciativa pareciam atuar de modo integrado no funcionamento das pausas iniciais de nossos sujeitos parkinsonianos. Vimos que o aumento de pausas médias e longas que facilitariam a tomada de turno pelo interlocutor veio associado a uma mudança nas características de preenchimento, provavelmente de modo a possibilitar aos nossos sujeitos o controle e a sustentação do turno, bem como mais tempo para o planejamento de sua atividade lingüística. Além disso, nossos dados permitiram-nos também atribuir um estatuto enunciativo ao funcionamento das pausas, na medida em que, por meio de suas características acústicas, nossos sujeitos se posicionaram como interlocutores e não como meros espectadores da atividade verbal ou repetidores de sentenças.

No que se refere à dissociação entre as diversas áreas da atividade cerebral, observamos que a maioria dos estudos sobre a doença de Parkinson apresenta uma visão localizacionista do cérebro, ou seja, seus esforços visam principalmente mapear cada parte do cérebro e apontar quais são os prejuízos funcionais provocados por alterações dopaminérgicas em diversos sistemas neuronais, tais como o mesolímbico (visto como responsável pela aprendizagem e pela linguagem), via nigro-estriatal e gânglio basal (vistos como responsáveis pelo controle do movimento) e o eixo hipotálamo-pituitária-adrenal (visto como responsável pela regulação da emoção e do estresse), dentre outros.

Para desconstruir a dissociação entre o funcionamento das diversas áreas da atividade cerebral, questionamos o sentido atribuído à palavra *função*, com base em Lúria (1991). Para esse autor, função significa “atividade de adaptação de todo um organismo” (p.89), na medida em que “a função se constitui numa *complexa atividade exercida pelo trabalho conjunto de todo um sistema de órgãos*, cada um dos quais integra esse ‘sistema funcional’ em seus próprios papéis, assegurando esse ou aquele aspecto desse sistema funcional” (p.89, grifos do autor). Dessa forma, se considerarmos essa concepção de relação entre sistemas proposta por Lúria, podemos pensar que, nos parkinsonianos, problemas em aspectos de linguagem, cognição, movimento e emoções se encontram intimamente relacionados – já que a dopamina integra diferentes vias neuronais.

A análise dos nossos dados pode fornecer mais elementos para essa visão, já que fatores de ordem motora, cognitiva, conversacional e enunciativa atuaram de modo relacionado no funcionamento das pausas iniciais de turnos de nossos sujeitos. Assim, compreender o funcionamento cerebral do ponto de vista das relações sistêmicas e dinâmicas e o funcionamento da linguagem como um processo social de construção de sentidos, no qual fala/cognição/aspectos motores e simbólicos se acham integrados, possibilitou-nos a mudança teórico-metodológica que propusemos e os resultados a que chegamos.

É importante destacar, a esse respeito, que, embora tenha sido tematizado, no Capítulo 1, o vínculo entre pausas e organização tópica, durante a análise dos dados não foi possível, em função do tempo disponível para o término da pesquisa, focar a relação entre as características acústicas das pausas e o início de tópicos discursivos. Estamos cientes de que muitos fatos destacados na análise poderiam ser mais bem explorados em função dessa categoria da organização conversacional.

Outro aspecto também descartado da análise foi a relação entre mudanças nas características acústica das pausas e os diferentes tipos de pares dialógicos. Num estudo anterior, Zaniboni (2002) observou que a ocorrência de pausas iniciais com maior grau de duração e de preenchimento é maior nos pares dialógicos que exigem processos verbais mais elaborados. Seria importante a realização de estudos que pudessem verificar se existem modificações na ocorrência e nos tipos de pares dialógicos com a progressão da doença e, ainda, se uma possível relação entre a ocorrência de pausas e pares dialógicos também se modifica.

Ainda um outro aspecto descartado e que, a nosso ver, pode fornecer mais elementos para uma compreensão do funcionamento das pausas na atividade verbal de parkinsonianos diz respeito a possíveis vínculos entre suas características acústicas (especialmente a duração) e a extensão dos turnos que elas iniciam.

Por fim, acreditamos que uma maior atenção às características de preenchimento dessas pausas iniciais pode fornecer importantes dados para a verificação de como se associam os movimentos laríngeos com os movimentos dos articuladores, na medida em que nossos espectrogramas parecem apontar para o fato de que essas características indiciam, além de ruídos laríngeos, elementos da configuração acústica do primeiro segmento dos turnos.

Assim, acreditamos que, além de discutir os efeitos de algumas das principais dissociações realizadas pela literatura especializada em doença de Parkinson, nosso estudo possibilita:

- (a) fornecer mais informações sobre a progressão da doença, iniciada por mudanças na ocorrência e características das pausas, e sobre a correlação entre essa progressão e as alterações de linguagem que o parkinsonismo provoca;
- (b) ver que a progressão, quando iniciada pelo funcionamento das pausas iniciais de turno, pode se dar de modo diferente em cada sujeito;
- (c) contribuir para uma visão da atividade de linguagem de parkinsonianos na qual se privilegie a maneira pela qual esses sujeitos organizam e usam a linguagem;
- (d) repensar os chamados “programas de reabilitação” correntes na prática terapêutica com esses sujeitos, uma vez que esses “programas” enfocam principalmente os aspectos motores da doença.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABERCROMBIE, D. Voice quality and voice dynamics. In: _____. *Elements of General Phonetics*. Edinburgh: University Press, 1967. cap. 6, p. 89-110.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: _____. *A estética da comunicação verbal*. (Trad. Maria Ermantina Galvão). 3. ed. São Paulo: Martins Fontes. 1992. p. 277-326.

BARBOSA, E. R. et al. Disfunções neuropsicológicas na Doença de Parkinson. *Arq. Neuro-Psiquiatria*, São Paulo, v. 45, n. 2, p. 109-118, junho, 1987.

BARBOSA, E. R. Parkinsonismo. *Revista Brasileira de Neurologia*, v. 25, n. 1, p. 27-32, 1989.

BEATTIE, G. W. The role of language production process in the organization of behavior in face-to-face interaction. In: BUTTERWORTH, B. *Language and production: speech and talk*. London: Academic Press, part.4, p. 69-107, 1980.

BLONDER, L. X.; GUR, R. E.; GUR, R. C. The effects of right and left hemiparkinsonism on prosody. *Brain and Language*, v. 36, n. 2, p. 193-207, february, 1989.

BRITO, C. A pausa como elemento estruturador do texto conversacional. *Estudos Lingüísticos XXIII* (Ribeirão Preto), p. 536-543, 1994.

BUTTERWORTH, B. Evidence from pause in speech. In: _____. *Language and production: speech and talk*. London: Academic Press, part.7, p. 155-175, 1980.

CAEKEBEKE, J. F. V.; et al. The interpretation of dysprosody in patients with Parkinson's disease. *Journal of Neurology, Neurosurgery, and Psychiatry*, v. 54, p. 145-8, 1991.

CAGLIARI, L. C. A importância da prosódia na descrição de fatos gramaticais. In: ILARI, R. (Org.) *Gramática do Português falado: níveis de análise lingüística*. 2. ed. Campinas: Editora da UNICAMP/FAPESP, v. 2, p. 39-64, 1992b.

CAGLIARI, L. C. Prosódia: algumas funções dos supra-segmentos. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, v. 23, p. 137-151, jul/dez, 1992a.

CANTER, G. J. & VAN LANCHER, D. R. Disturbances of the temporal organization of speech following bilateral thalamic surgery in a patient with Parkinson's disease. *J. Commun. Disord.*, v. 18, p. 329-349, 1985.

CANTER, G. J. Speech Characteristics of patients with Parkinson's disease: I. Intensity, pitch, and duration. *Journal of Speech, and Hearing Disorders*, v. 28, n. 3, p. 221-229, august, 1963.

CASTILHO, A. T. *A língua falada no ensino do português*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2000.

CHACON, L.; SCHULZ, G. Duração das pausas em conversas espontâneas de parkinsonianos. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, v. 39, p. 51-71, 2000.

COOK, M. Transition probabilities and the incidence of filled pauses. *Psychonomic Science*, v. 16, n. 4, p. 191-192, 1969.

COUDRY, M. I. H. O que é o dado em neurolingüística. In: CASTRO, M. F. P. *O método e o dado no estudo da linguagem*. Campinas:Editora da Unicamp, 1996.

COUDRY, M. I. H. *Clássico é clássico e vice-versa*. Texto-base de aula para concurso de livre docência. Campinas, IEL/UNICAMP, 2002. Inédito.

COUDRY, M. I. H. *Diário de Narciso: discurso e afasia*. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

COUDRY, M. I. H; POSSENTI, S. Avaliar discursos patológicos. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, n. 5, p. 99-109, 1983.

CRITCHLEY, E. M. R. Speech disorders of Parkinsonism: a review. *Journal of Neurology, Neurosurgery, and Psychiatry*, v. 44, n. 9, p. 751-758, 1981.

CRUTTENDEN, A. The forms of intonation. In: _____. *Intonation*, 1. ed. Cambridge University Press: Cambridge, 1986. p. 30-32.

DARKINS, A. W.; FROMKIN, V. A. & BENSON, D. F. A characterization of the prosodic loss in Parkinson's disease. *Brain and Language*, v. 34, p. 315-327, 1988.

DARLEY, F. L.; ARONSON, A. E.; BROWN, J. R. Cluster of deviant speech dimensions in the dysarthrias. *Journal of speech and hearing research*. v. 12, p. 462-496, 1969.

DE ANGELIS, E. C. *Efetividade da fonoterapia na doença de Parkinson: medidas fonatórias, intensidade pré e pós fonoterapia*. São Paulo. Dissertação (Mestrado em Distúrbios da Comunicação) - Universidade Federal de São Paulo - Escola Paulista de Medicina, 1995.

DEACON, W. T. Evolutionary perspectives on language and brain plasticity. *J. Commun. Disord.*, v. 33, p. 273-291, 2000.

FÁVERO, L. L.; ANDRADE, M. L. C. V. O.; AQUINO, Z. G. O. *Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

GALEMBECK, P. T. O turno conversacional. In: PRETTI, D. (Org) 2. ed. *Análise de Textos Oraís*, v. 1, p. 55-79, 1995.

GOLDMAN-EISLER, F. A comparative study of two hesitation phenomena. *Language and Speech*, v. 4, n. 1, p. 19-27, jan/march, 1961.

GOLDMAN-EISLER, F. Speech production and predictability of words in context. *Quarterly Journal of Experimental Psychology*, v. 10, p. 96-106, 1958.

GRAFFMN, J. Conceptualizing functional neuroplasticity. *J. Commun. Disord.*, v. 33, p. 345-356, 2000.

HAMMEN, V. L.; YORKSTON, K. M. Speech and pause characteristics following speech rate reduction in hypokinetic dysarthria. *J. Commun. Disord.*, v. 29, p. 429-445, 1996.

HARTELIUS, L.; SVENSSON, P. Speech and swallowing symptoms associated with Parkinson's disease and Multiple Sclerosis: A Survey. *Folia Phoniatr.*, v. 46, p. 9-17, 1994.

HENDERSON, A.; GOLDMAN-EISLER, F. & SKARBEEK, A. Sequential temporal patterns in spontaneous speech. *Language and Speech*, v. 9, n. 4, p. 207-217, sept/dec, 1966.

HIRD, K. & KIRSNER, K. Dysprosody following acquire neurogenic impairment. *Brain and Language*, v. 45, p. 46-60, 1993.

HOWARD, L. A. et al. The contribution of apraxic speech to working memory deficits in Parkinson's disease. *Brain and language*. v. 74, p. 269-288, 2000.

ILLES, J.; METTER, E. J.; HANSON, W. R. & IRITANI, S. Language production in Parkinson's disease: acoustic and linguistic consideration. *Brain and Language*, v. 33, n.1, p. 146-160, january, 1988.

JAKOBSON, R. Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia. In: _____. *Linguística e Comunicação*. 20 ed. São Paulo, 1995, p. 34-62.

JUBRAN, C. C. A. S. Parênteses: propriedades identificadoras. In: CASTILHO, A. T. (Org.) *Gramática do Português falado*. Campinas: Editora da UNICAMP; São Paulo: FAPESP, 1996. v. 5, p. 411-421.

JUBRAN, C. C. A. S.; URBANO, H.; KOCH, I. G. V.; et al. Organização tópica da conversação. In: ILARI, R. (Org.) *Gramática do Português falado: níveis de análise linguística*. 2. ed. Campinas: Editora da UNICAMP/FAPESP, 1993. v. 2, p. 359-97.

KAREL, P. M. et al. Executive functions and disease characteristics in Parkinson's disease. *Neuropsychologia*, v. 34, n. 7, p. 617-626, 1996.

KEMPLER, D.; VAN LANCKER, D. Effect of speech task on intelligibility in dysarthria: a case study of Parkinson's disease. *Brain and language*. v. 80, p. 449-464, 2002.

KENT, R. D. & READ, C. *The acoustic analysis of speech*. San Diego, California: McNaughton & Gunn, 1992. cap.1,2,3,4.

KENT, R. D.; WEISMER, G.; KENT, J. F.; et al. Acoustic studies of dysarthric speech: methods, progress, and potential. *J. Commun. Disord.*, v. 32, p. 141-186,1999.

KOCH, I. G. V. *A inter-ação pela linguagem*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 1997.

KOCH, I. G. V. *O texto e a construção dos sentidos*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2000.

KOCH, I. G. V.; JUBRAN, C. C. A. S.; URBANO, H.; et al. Aspectos do processamento do fluxo de informação no discurso oral dialogado. In: CASTILHO, A. T. (Org.) *Gramática do Português falado: a ordem*. Campinas, Editora da UNICAMP/FAPESP, 1990. v. 1, p. 144-84.

KOCH, I. G. V.; SILVA, M. C. P. S. Atividades de composição do texto falado: a elocução formal. In: CASTILHO, A. T. (Org.) *Gramática do Português falado*. Campinas: Editora da UNICAMP; São Paulo: FAPESP, 1996. v. 5, p. 379-410.

LALLGEE, M. G. & COOK, M. An experimental investigation of the function of filled pauses in speech. *Language and Speech*, v. 12, n. 1, p. 24-28, jan/march, 1969.

Le DORZE, G.; BRASSARD, C.; BOULANGER, N. et al. A comparison of the speech of people with Parkinson's disease and Friedreich's ataxia with neurologically normal speakers. *Folia Phoniatr Logop*, v. 50, p. 1-9, 1998.

LEBRUN, Y. Avaliação da afasia. In: *Tratado de Afasia*. São Paulo: Panamed Editorial, 1983. p. 95-105.

LEOPOLD, N. A.; KAGEL, M. C. Pharyngo-Esophageal Dysphagia in Parkinson's Disease. *Disphagia*, v. 12, p. 11-18, 1997.

LIMA, S. S. P.; QUAGLIATO, E. M. CAGLIARI, L. C. et al. Linguagem e isolamento no mal de Parkinson. *Revista Brasileira de Fonoaudiologia*, ano1, n. 2, p. 5-13, 1997.

LIMONGI, J. C. P. (Org.) *Conhecendo melhor a doença de Parkinson: uma abordagem multidisciplinar com orientações práticas para o dia-a-dia*. São Paulo: Plexus, 2001.

LUDLOW, C. L.; CONNOR, N. P. & BASSICH, C. J. Speech timing in Parkinson's and Huntington's disease. *Brain and Language*, v. 32, p. 195-214, 1987.

LURIA, A. R. O cérebro e os processos psíquicos. In: *Curso de psicologia geral: introdução evolucionista à psicologia*. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991. v. I, cap. 4, p. 85-115.

MARCUSCHI, L. A. A hesitação. In: NEVES, M. H. M. (Org.) *Gramática do Português Falado: novos estudos*. São Paulo: Humanitas, 1999. v. 7, p. 159-194.

MARCUSCHI, L. A. *Análise da conversação*. 3. ed. São Paulo: Editora Ática, 1986.

MELARAGNO FILHO, R. Parkinsonismo e demência. *Rev. Ass. Med. Brasil*, v. 33, n. 1/2, jan/fev, p. 29-35, 1987.

METTER, E. J.; HANSON, W. R.; Clinical and acoustical variability in hypokinetic dysarthria. *J. Commun. Disord.*, v. 19, p. 347-366, 1986.

MILLER, J. Q. Involuntary movements in elderly. *Dyskinesia*, v. 79, n. 4, p. 323-330, 1986.

MONRAD-KROHN, G. H. The third element of speech: prosody in the neuro-psychiatric clinic. IN: *Problems of dynamic neurology*. Jerusalem: Hebrew Univ. Press, 1957, p. 101-117.

MORATO, E. M. & FREITAS, M. S. Algumas questões sobre prosódia no contexto neurolingüístico. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, v. 25, p. 161-173, jul/dez, 1993.

MORATO, E. M. *Linguagem e Cognição: as reflexões de L. S. Vygotsky sobre a ação reguladora da linguagem*. São Paulo: Plexus, 1996.

NILSSON, H.; EKBERG, O.; OLSSON, R. et al. Quantitative Assessment of oral and Pharyngeal Function in Parkinson's Disease. *Dysphagia*, v. 11, p. 144-150. 1996.

OLIVEIRA, E. C.; CHACON, L. Aspectos prosódicos da fala de sujeitos parkinsonianos. *Alfa*, v. 43, p. 203-228, 1999.

PELL, M. D. On the receptive prosodic loss in Parkinson's disease. *Cortex*, v. 32, p. 693-704, 1996.

PICKETT, E.R.; KUNIHOLM, E.; PROTOPAPAS, A.; FRIEDMAN, J. & LIEBERMAN, P. Selective speech motor, syntax and cognitive deficits associated with bilateral damage to the putamen and the head of the caudate nucleus: a case study. *Neuropsychologia*, v. 36, n. 2, p. 173-188, 1998.

PITCAIRN, T. K.; CLEIME, S.; GRAY, J. M.; PENTLAND, B. Impressions of parkinsonian patients from their recorded voices. *British Journal of Disorders of Communication*, v. 25, p. 85-92, 1990.

POSSENTI, S. Língua: sistema de sistemas. In: DAMASCENO, B. P.; COUDRY, M. I. H. (Ed.) *Temas em neuropsicologia e neurolingüística*, v. 4, 1995, p. 20-25.

PRESTON, J. M. & GARDNER, R. C. Dimensions of oral and written language fluency. *Journal of Verbal Learning and Verbal Behavior*, v. 6, p. 936-945, 1967.

PRETTI, D. & URBANO, H. *A Linguagem Falada Culta na Cidade de São Paulo: materiais para seu estudo*. São Paulo: T. A. Queiroz, Editor/FAPESP, 1988.

ROBBINS, J. A.; LOGEMANN, J. A.; KIRSHNER, H. S. Swallowing and Speech Production in Parkinson's Disease. *Ann. Neurol.* v. 19, p. 283-287, 1986.

ROCHESTER, S. R. The significance of pauses in spontaneous speech. *Journal of Psycholinguistics Research*, v. 2, n. 1, p. 51-81, 1973.

RODRIGUES, N. *Neurolingüística dos distúrbios da fala*, 2. ed. São Paulo: Cortez: EDUC, 1992.

SAUSSURE, F. Relações sintagmáticas e relações associativas. In: _____ . *Curso de lingüística geral*. 7 ed. São Paulo: Cultrix, 1975, p.142-147.

SCHULZ, G. M.; GRANT, M. K. Effects of speech therapy and pharmacologic and surgical treatments on voice and speech in Parkinson's disease: a review of the literature. *J. Commun. Disord.*, v. 33, p. 59-88, 2000.

SCLIAR-CABRAL, L. & RODRIGUES, B. B. Discrepância entre a pontuação e as pausas. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, v. 26, p. 63-77, jan/jun., 1994.

SCOTT, S.; CAIRD, F. L.; & WILLIAMS, B. O. Evidence for an apparent sensory speech disorder in Parkinson's disease. *Journal of Neurology, Neurosurgery, and Psychiatry*, v. 47, p. 840-843, 1984.

SHULMAN, L. M.; TABACK, R. L.; RABINSTEIN, A. A; et. al. Non-recognition of depression and other non-motor symptoms in Parkinson's disease. *Parkinsonism and Related Disorders*, v. 8, p. 193-7, 2002.

SILVA, L. A. Interação conversacional e assalto ao turno. *Estudos Lingüísticos XXIII Anais de Seminários do GEL*, v. II, p. 1343-1350, 1994.

SILVA, M. C. P. S.; KOCH, I. G. V. A dimensão ilocutória. In: CASTILHO, A. T. (Org.) *Gramática do Português falado: as abordagens*. Campinas, Editora da UNICAMP/FAPESP, 1993. v. 3, p. 19-29.

SILVA, M. C. P. S.; KOCH, I. G. V. Estratégias de desaceleração do texto falado. In: KATO, M. (Org.) *Gramática do Português falado: convergências*. Campinas, Editora da UNICAMP/FAPESP, 1996. v. 5, p. 327-38.

SMOLKA, A. L. B. A memória em questão: uma perspectiva histórico-cultural. *Educ. Soc.*, v. 21, n. 71, Campinas, July, 2000.

VOLKMANN, J.; HEFTER, H.; LANGE, H. W. & FREUND, H-J. Impairment of temporal organization of speech in basal ganglia diseases. *Brain and language*, v. 43, p. 386-399, 1992.

WATTERS, P. A.; PATEL, M. Competition, inhibition, and semantic judgment errors in Parkinson's disease. *Brain and Language*, v. 80, p. 328-339, 2002.

ZANIBONI, L. F. O funcionamento das pausas na atividade discursiva de sujeitos com doença de Parkinson, 2001. Dissertação (Mestrado em Estudos Lingüísticos) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Letras e Ciências, São José do Rio Preto.

ZANIBONI, L. F. O.; CORREA, L. M. Escrita e oralidade na produção escrita de sujeitos parkinsonianos. *XLIX Seminário do Grupo de Estudos Lingüísticos*, Marília, p. 361-362, 2001.